

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

JÉFERSON SOARES MORAIS

*TEMPOS, MUNDOS E CAMINHOS CRUZADOS: GEOGRAFIA E LITERATURA*  
PARA PENSAR PORTO ALEGRE

PORTO ALEGRE

2023

JÉFERSON SOARES MORAIS

*TEMPOS, MUNDOS E CAMINHOS CRUZADOS: GEOGRAFIA E LITERATURA*  
PARA PENSAR PORTO ALEGRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia do Instituto de Geociências do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

ORIENTADORA: Dra. ADRIANA DORFMAN

PORTO ALEGRE

2023

## RESUMO

Nesta monografia procuramos refletir como o diálogo entre Geografia e Literatura pode ser realizado com o objetivo de perceber as desigualdades espaciais em Porto Alegre em dois períodos históricos, a partir da leitura geográfica de narrativas literárias. Para isso, traçamos o objetivo de identificar as desigualdades espaciais de Porto Alegre do início dos séculos XX e XXI, por meio da leitura do livro *Caminhos Cruzados*, de Erico Veríssimo e de duas crônicas presentes na obra *Mas em que mundo tu vive?*, de José Falero, utilizando o conceito de território como meio para essa leitura. Para atingir esse objetivo, a partir do método qualitativo e à luz dos conceitos de ideologias geográficas e consciência geográfica (Moraes, 2005) analisaremos as narrativas como representação textual da desigualdade espacial existente na cidade. Seguindo as referências de Souza (2000), Raffestin (1993), Moraes (2008) e Haesbaert e Limonad (2007) para pensar as propriedades do conceito de território para a Geografia, organizamos uma metodologia de análise baseadas nas dimensões do território associadas aos recortes sociais da sociedade porto-alegrense ao longo da história. Os resultados indicam que a Literatura se mostra como uma boa fonte para pensar geograficamente Porto Alegre, tanto o espaço e o cotidiano como as percepções dos autores em diferentes recortes espaço-temporais. Essa leitura se torna rica quando associada aos conceitos da Geografia e permite uma análise coerente da realidade, facilita a interpretação de obras literárias e possibilita um recurso potente para a educação de consciências geográficas quando associados ao Ensino de Geografia.

**Palavras-chave:** Geografia; Literatura; Território; Erico Veríssimo; José Falero.

## ABSTRACT

In this monograph we try to reflect how the dialogue between Geography and Literature can be carried out with the objective of perceiving the spatial inequalities in Porto Alegre city in two historical periods, from the geographical reading of literary narratives. For this, we set out to identify the spatial inequalities of Porto Alegre at the beginning of the 20th and 21st centuries, through the reading of the book *Caminhos Cruzados*, by Erico Veríssimo and two chronicles present in the book *Mas em que mundo tu vive?*, by José Falero, using the concept of territory as a means for this analysis. To achieve this goal, based on the qualitative method and the concepts of geographic ideologies and geographic conscience (Moraes, 2005), we will analyze the narratives as a textual representation of the spatial inequality existing in the city. Based on references of Souza (2000), Raffestin (1993), Moraes (2008) and Haesbaert and Limonad (2007) to think about the properties of the concept of territory for Geography, we organized an analysis methodology based on the dimensions of the territory associated with the social clippings of Porto Alegre society throughout history. The results indicate that Literature is a good source to think geographically about Porto Alegre, both space and everyday life as well as the authors' perceptions in different space-time clippings. This reading becomes rich when associated with the concepts of Geography and allows a coherent analysis of reality, facilitates the interpretation of literary works and enables a powerful resource for the education of geographic consciences when associated with the Teaching of Geography.

**Keywords:** Geography; Literature; Territory; Erico Verissimo; Jose Falero.

## A função da arte/2

O pastor Miguel Brun me contou que há alguns anos esteve com os índios do Chaco paraguaio. Ele formava parte de uma missão evangelizadora. Os missionários visitaram um cacique que tinha fama de ser muito sábio. O cacique, um gordo quieto e calado, escutou sem pestanejar a propaganda religiosa que leram para ele na língua dos índios. Quando a leitura terminou, os missionários ficaram esperando.

O cacique levou um tempo. Depois, opinou:

*- Você coça. E coça bastante, e coça muito bem.*

E sentenciou:

*- Mas onde você coça não coça.*

(Eduardo Galeano - O livro dos Abraços)

## AGRADECIMENTOS

O ser humano é um ser coletivo. Ninguém é ou constrói algo sozinho. Há o aprendizado daqueles que vieram antes; há o cuidado daqueles que se preocuparam com a gente; há o sorriso e o abraço daqueles que nos quiseram bem. Portanto, faz parte do processo de conquista a celebração e o agradecimento àqueles e àquelas que de alguma maneira contribuíram com a nossa caminhada. Começo agradecendo a minha família por todo cuidado e apoio que garantiram a segurança para eu ser o que sou hoje. Agradeço aos amigos que compartilharam tanto ao meu lado. Agradeço aos mestres – da escola, da vida, dos livros e da universidade - que me ensinaram o que aprendi até agora. Agradeço a minha companheira Iara pelo amor e carinho trocados durante esse trajeto. Agradeço ao meu filho Camilo, por me fazer um homem melhor todos os dias.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Infográfico do Atlas da Violência de 2021.....	21
Figura 2 - Mapa conceitual de processos políticos, econômicos e culturais que influenciaram a geração do romance de 30.....	25
Figura 3 – Compilado de indicadores sociais sobre Porto Alegre.....	30
Figura 4 – Mapa conceitual com um resumo das relações entre as personagens da história.....	33
Figura 5 – Mapa mental com elementos destacados referentes ao recorte de classe da obra <i>Caminhos cruzados</i> .....	41
Figura 6 – Mapa mental com elementos destacados referentes ao recorte de raça da obra <i>Caminhos cruzados</i> .....	43
Figura 7 – Mapa mental com elementos destacados referentes ao recorte de gênero da obra <i>Caminhos cruzados</i> .....	45
Figura 8 – População ocupada, por cor ou raça, segundo os grupos de atividade no Brasil, 2021.....	53
Figura 9 – Gráfico representando os principais problemas em se viver na rua.....	56
Figura 10 – Mapa mental com elementos destacados referentes ao recorte de classe, na análise das crônicas de <i>Mas em que mundo tu vive?</i> .....	59

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 OBJETIVOS .....	11
3 METODOLOGIA.....	11
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
4.1 Geografia e Literatura.....	13
4.1.1 Nota sobre consciência geográfica.....	13
4.1.2 Diálogo entre Geografia e Literatura ou Literatura a partir de uma ótica geográfica?.....	14
4.2 Território como mediador do diálogo.....	27
4.3 Sobre os autores.....	24
4.3.1 Contextualizando Erico Veríssimo.....	24
4.3.2 Contextualizando José Falero.....	26
5 CRUZANDO MUNDOS, CAMINHOS, TERRITÓRIOS E SABERES.....	31
5.1 <i>Caminhos cruzados</i> .....	32
5.2 Crônica: <i>Mas em que mundo tu vive?</i> .....	49
5.3 Crônica: <i>Uma vitória da tua Gente</i> .....	54
5.4 Síntese dos apontamentos analisados nas duas crônicas.....	59
6 A QUAIS MUNDOS OS CAMINHOS CRUZADOS NOS LEVARAM?.....	61
REFERÊNCIAS	



### CIP - Catalogação na Publicação

Morais, Jéferson  
TEMPOS, MUNDOS E CAMINHOS CRUZADOS: GEOGRAFIA E  
LITERATURA PARA PENSAR PORTO ALEGRE / Jéferson Moraes.  
-- 2023.  
66 f.  
Orientadora: Adriana Dorfman.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto  
Alegre, BR-RS, 2023.

1. Geografia. 2. Literatura. 3. Território. 4.  
Erico Veríssimo. 5. José Falero. I. Dorfman, Adriana,  
orient. II. Título.

## 1. INTRODUÇÃO

Esta monografia vai de encontro com o tema de pesquisa desenvolvido pelo pesquisador desde 2018, quando finalizado o curso de licenciatura em Geografia, em que foi proposta uma atividade pedagógica interdisciplinar entre Geografia e Literatura. Na ocasião, foi utilizado o *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (Morais, 2021a), como recurso pedagógico para exercitar o conceito de território. A temática da relação entre Geografia e Literatura seguiu no mestrado, onde foi proposta uma atividade pedagógica de Geografia em diálogo com a Literatura mediada pelo romance *os Ratos*, de Dyonélio Machado. Esse trabalho foi motivado pela seguinte pergunta: como pensar e trabalhar a Geografia em um diálogo com a literatura afim de potencializar as práticas em sala de aula? (Morais, 2022), o objetivo traçado foi o de exercitar o raciocínio geográfico por meio do conceito de paisagem para a Geografia. Além disso, cito mais dois artigos que envolvem essa curiosidade em analisar a relação da Geografia com a Literatura e como essa relação pode potencializar o entendimento do Espaço (Morais, 2020; 2021b). Nesse sentido, esse trabalho se insere com a proposta de aperfeiçoar esse estudo entre a Geografia e a Literatura, tanto na teoria quanto na prática da análise, tema que seguirei pesquisando no doutorado iniciado em 2023.

Historicamente há uma relação entre os dois campos do conhecimento. Em sua dissertação, Nascimento (2019) traça um breve histórico dessa relação, indicando que no período da Geografia clássica, a relação com a Literatura se dava mais como fonte documental, em que as descrições contribuía para comparar, diferenciar e organizar regionalmente as paisagens. Eduardo Marandola Jr. e Livia de Oliveira também comentam que esse vínculo era presente nas descrições da paisagem e das regiões: “Pode-se identificar estas indicações inclusive no período da sistematização da geográfica, como nas aproximações de Humboldt com a pintura e a literatura, num contexto de maior aproximação entre os saberes.” (MARANDOLA JR., OLIVEIRA, 2009, p.490). Os mesmos autores citam Pierre Monbeig e a importância que o geógrafo francês dava para a prática de ler os romancistas das cidades e regiões a serem estudadas, com o objetivo de apreender informações sobre a paisagem e o cotidiano local que demandariam mais tempo de vivência e análise do pesquisador. Comenta também a influência da Literatura sobre os geógrafos do início do século XIX e faz referência a (AB’SABER, 2007, p. 47) que “via a Geografia através dos romances”. A imaginação

geográfica, portanto, sendo incentivada e exercitada a partir da leitura de romances de diferentes autores e lugares o mundo. Ou seja, a Literatura desde a formação da Geografia fez parte da compreensão dos pesquisadores. Com o passar dos anos, os aspectos subjetivos começaram a ganhar centralidade nas análises, como noções de identidade, representações, a vivência e a experiência dos sujeitos no espaço, permitindo uma compreensão mais próxima dos meandros culturais que compõe a complexidade do Espaço Geográfico. Nesse sentido, a Literatura tem se mostrado como uma boa fonte para refletir sobre a organização espacial de sociedades presentes e passadas, através das narrativas ricas em aspectos simbólicos que trazem informações de um cotidiano que ou não está mais presente, ou que não vivenciamos, identificando nessas narrativas formas, conteúdos e processos das paisagens representadas pelas obras, assim como os conteúdos das relações dos sujeitos destes contextos entre si e com o espaço.

Como objetivo geral, nos propomos a analisar o cotidiano de Porto Alegre nos recortes temporais do início dos séculos XX e XXI, a partir das obras: Caminhos Cruzados de Érico Veríssimo e duas crônicas presentes no livro Mas em que mundo tu vive?, de José Falero, utilizando o conceito de território para Geografia como mediador do diálogo entre Geografia e Literatura. Para atingir o objetivo geral, três objetivos específicos foram traçados e guiarão nossa metodologia:

1. Refletir sobre a relação entre Geografia e Literatura e as potencialidades desse diálogo;
2. Contextualizar autores e as obras;
3. Analisar, a partir do conceito de território, o cotidiano de Porto Alegre nos contextos históricos das obras, utilizando como recorte analítico as dimensões jurídico-política, econômica e cultural.

A Literatura então se mostra como uma fonte para pensar o espaço de Porto Alegre, nos contextos dos devidos recortes temporais e utilizando o conceito de território para analisar as narrativas. Apesar das narrativas não serem tomadas como a realidade absoluta são representações construídas tendo o cotidiano vivenciado como referência, portanto refletem a realidade concreta a partir dos olhos do autor. É importante destacar que consideramos as origens, a história e os contextos sociais de cada autor e como elas se refletem em suas obras. Para atingir o objetivo geral, utilizamos o método qualitativo, analisando o território de Porto Alegre a partir das

narrativas e com base nas referências de Souza (2000), Raffestin (1993), Moraes (2008) e Haesbaert e Limonad (2007). O capítulo 3 traz também o referencial da relação entre Geografia e Literatura, em que destacamos os trabalhos de Dorfman (2009), Castro (2016) e Moretti (2003), além da contextualização dos autores dos romances analisados no trabalho. No capítulo 4 analisamos inicialmente o romance *Caminhos cruzados*, de Erico Veríssimo e na sequência duas crônicas do livro *Mas em que mundo tu vive?*, de José Falero. No capítulo 5 fazemos uma síntese sobre o que a análise dos textos à luz do conceito do território nos mostrou do cotidiano de Porto Alegre nos devidos recortes temporais.

Acreditamos que esse trabalho tem a potencialidade de agregar no campo interdisciplinar entre a Geografia e Literatura, contribuindo para os esforços que pensam a Geografia no diálogo com a arte. Além disso, entendemos a possibilidade de contribuir para trabalhos de análise histórica ao propor a análise do espaço de Porto Alegre em diferentes contextos históricos, a partir da noção territorial, não distanciando a objetividade característica da ciência com a subjetividade da arte.

## 2. METODOLOGIA

O método que sustenta esse estudo é o qualitativo, já que pretendemos analisar a subjetividade presente nas obras que mobilizam as territorialidades de Porto Alegre por meio do diálogo com uma criação artística. Nesse sentido concordamos com a compreensão de Castrogiovanni sobre a pesquisa qualitativa:

A Pesquisa Qualitativa tem a preocupação em explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias da Cultura de cada sociedade; portanto, existe uma relatividade temporal. Dialoga com o cotidiano, a experiência, com o movimento que encerra a vida de cada Sujeito, e, também, com a compreensão das estruturas e instituições, como resultado da interação dos sujeitos, objetivada como um todo. (CASTROGIOVANNI, 2004, p. 142).

O método se justifica pela intenção de estudarmos narrativas com o intuito de melhor compreender as dinâmicas sociais imersas em contextos históricos, sociais e culturais distintos. A análise consistirá na leitura, descrição e discussão dos trechos da obra, identificando as relações de poder espacializadas – baseado nas referências de

Souza (2000), Raffestin (1993) e Moraes (2008) - e organizando essas relações de acordo com as dimensões do território citadas no artigo de Haesbaert e Limonad (2007). No Quadro 1 ilustramos o quadro metodológico dos passos que percorreremos:

Quadro 1 – Quadro metodológico

Objetivos específicos:	Como atingir?
Contextualizar autores e as obras;	Pesquisa sobre a vida e obra do autor e a relação do contexto histórico em que ele viveu e produziu a obra;
Refletir sobre a relação entre Geografia e Literatura e as potencialidades desse diálogo;	Pesquisar trabalhos que desenvolvam o diálogo entre Geografia e Literatura;
Analisar, a partir do conceito de território, o cotidiano de Porto Alegre nos contextos históricos de cada obra, utilizando como recorte analítico as dimensões jurídico-política, econômica e cultural;	Aplicar o conceito de território com base nas referências de Souza (2000), Moraes (2008) e Haesbaert e Limonad (2007), para analisar as relações de poder espacializadas na cidade de Porto Alegre, a partir do romance <i>Caminhos Cruzados</i> , de Erico Veríssimo e de duas crônicas da obra <i>Mas em que mundo tu vive?</i> , de José Falero.

(MORAIS, 2023)

O processo metodológico segue a ordem do quadro: a) leitura prévia da obra e contextualização dos autores. A seleção das obras teve como condição ter Porto Alegre como local presente na narrativa; b) busca e leitura de trabalhos acadêmicos (artigos, monografias, dissertações e teses) sobre a relação entre Geografia e Literatura, afim referenciar a abordagem; b) leitura e análise geográfica das obras escolhidas por meio do conceito de território. Por fim, foi realizada uma síntese das considerações provocadas pelo processo de análise. Para realizar os passos metodológicos descritos, utilizamos o referencial teórico explicitado no capítulo a seguir.

### 3 REFERENCIALTEÓRICO

Afim de realizar o processo metodológico, organizamos o referencial teórico em 3 sub-capítulos: o primeiro com as referências relacionadas a relação entre Geografia e Literatura; o segundo trazendo as referências acerca do conceito de território; e por último, abordaremos a contextualização dos autores e suas respectivas obras.

#### 3.1 Geografia e Literatura

Iniciaremos a análise da relação entre Geografia e Literatura por dois conceitos que permitem facilitar a compreensão da conexão entre esses dois campos do saber: consciência geográfica e ideologias geográficas.

##### 3.1.1 Nota sobre consciência geográfica e ideologias geográficas

Esses dois conceitos entraram na discussão a partir da leitura do livro *Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil*, de Antonio Carlos Robert Moraes (2005). Moraes inicia discutindo o papel dos sujeitos na produção do espaço e como essa relação é circular e de retroalimentação, ou seja: ao mesmo tempo que os sujeitos produzem o espaço, também são produzidos por ele, visto que a construção do espaço é resultante de ações sociais. A partir daí o autor aprofunda no estudo do que mobiliza as ações sociais dos sujeitos, implementando o elemento da cultura nesse processo. Moraes utiliza o conceito de teleologia para adentrar no âmbito cultural. Para o autor, a teleologia é o ato de projetar na realidade uma ação que previamente foi construída mentalmente. Essa pré-construção - realizada na esfera mental - é dotada de intencionalidade e finalidade que são determinadas por elementos sociais, culturais e políticos e que se materializam na produção do espaço.

Aqui está o ponto central do livro: as ideologias geográficas são as ideias que impulsionam as ações humanas no espaço. Contudo, devido à diversidade humana e ao fato de que existem consciências geográficas distintas e interesses conflitantes, a produção do espaço é resultado de disputas e o que se materializa no espaço ao longo do tempo é predominantemente o reflexo da hegemonia de determinados grupos sociais

sobre outros. O geógrafo, portanto, tem instrumentos - através da análise do espaço - para compreender as materializações das ideologias geográficas no espaço, ao longo da história.

Partindo da análise de sociedades divididas hierarquicamente em classes, ao longo da história os interesses da classe hegemônica predominaram sobre as políticas e ações sociais. Contudo, é importante ressaltar que ao mesmo tempo que as ideologias geográficas são ferramentas da classe dominante para instituir seus interesses, essas também existem nas classes dominadas, de modo que as ideias por trás das ações desses grupos também possuem força e a potencialidade de modificar a lógica hegemônica de determinado período histórico e conseqüentemente influenciar na transformação do espaço.

A proposta de Moraes (2005) de pensar as ideologias geográficas serve como um meio de análise geográfico em uma perspectiva crítica que não ignore as instâncias culturais que permeiam a sociedade. Ao se debruçar - sempre partindo da perspectiva histórica - sobre os interesses que mobilizam discursos e qual a materialização desses discursos no espaço, é possível compreender de maneira mais profunda dinâmicas e fenômenos sociais e conseqüentemente traçar estratégias de análise e ação para uma Geografia, mais próxima da complexidade da realidade. Esse olhar para as ideologias geográficas, portanto, pode facilitar uma leitura geográfica dos elementos culturais e as disputas que envolvem uma obra literária. A literatura, além de ser um reflexo das relações sociais de um tempo e um espaço, é um meio de construção e disseminação de consciências geográficas, ou seja, de ideologias geográficas.

### 3.1.2 Diálogo entre Geografia e Literatura ou Literatura a partir de uma ótica geográfica?

Tanto a Geografia quanto a arte, e nesse caso específico a Literatura, são campos do conhecimento que se propõem a interpretar o mundo. A Geografia, por ter um caráter científico, possui um viés mais objetivo, em que tenta desvendar a realidade através do seu objeto: o espaço geográfico<sup>1</sup>. Já a literatura não possui a intenção de desvendar as

---

<sup>1</sup> “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006, p. 39).

verdades objetivas do mundo, “a representação literária remete ao mundo, expondo-o, mostrando-o, fingindo o mundo, duplicando-o (sem que duplicação signifique cópia)” (CASTRO, 2016, p. 339). Entendemos que o objetivo das leituras de mundo da Geografia e da Literatura são diferentes, contudo, o mundo – o espaço – em que essas leituras são realizadas, é o mesmo. Em sua tese, Dorfman (2009) resume a presença da Geografia na Literatura:

A literatura de ficção tem na linguagem sua matéria e no texto seu objeto. Como quase tudo, em se tratando da experiência humana, seus enredos se encenam no espaço. A geografia da narrativa literária é necessariamente ficcional, mas dificilmente será completamente descolada das experiências espaciais do autor. Língua, identidade e tradições geralmente ligam-se a determinados recortes espaciais. É esse o sentido da expressão “cultura espacialmente situada”: o lugar – onde nascemos e somos ensinados, onde habita a comunidade para a qual produzimos nossas obras – influi em nossa visão de mundo, constituindo, a um só tempo, *locus* e *tropo*. (DORFMAN, 2009, p. 103)

Concluimos então que a diferença se sustenta nos objetos e consequentes objetivos de cada uma das áreas do conhecimento: a Literatura utilizando-se da subjetividade, através do caráter conotativo da linguagem – já que as significações podem ser múltiplas tanto por parte de quem interpreta o mundo e expressa essa percepção na forma literária, quanto por parte de quem interpreta o texto literário baseando essa leitura em suas próprias referências simbólicas; a Geografia buscando a leitura da realidade a partir de referenciais teóricos e científicos. Seria o caso então de enxergarmos a relação entre Geografia e Literatura como uma dicotomia entre ciência/objetividade *versus* arte/subjetividade?

Castro (2016) remete essa discussão à fragmentação do conhecimento iniciada na modernidade, período histórico em que as técnicas produtivas associadas à industrialização, o aumento exponencial da população mundial, a sociedade urbana e o sistema capitalista tiveram grande ascensão. Essas mudanças estavam associadas à grande produção do conhecimento em diferentes áreas. Sob a influência do iluminismo<sup>2</sup>, havia um esforço de traduzir o mundo através da razão e superar o domínio dos dogmas

---

<sup>2</sup> “O termo Iluminismo indica um movimento de ideias que tem suas origens no século XVII (ou até talvez nos séculos anteriores, nomeadamente no século XV, segundo interpretação de alguns historiadores), mas que se desenvolve especialmente no século XVIII, denominado por isso o “século das luzes”. Esse movimento visa estimular a luta da razão contra a autoridade, isto é, a luta da “luz” contra as “trevas”. Daí o nome de Iluminismo, tradução da palavra alemã Aufklärung, que significa aclaração, esclarecimento, iluminação. O Iluminismo é, então, uma filosofia militante de crítica da tradição cultural e institucional; seu programa é a difusão do uso da razão para dirigir o progresso da vida em todos os aspectos” (BOBBIO; MATTEUCCI; GIANFRANCO, 1998 p. 605.)



religiosos que prevaleceram como verdade absoluta na idade média. Nesse movimento de se pensar o mundo de forma puramente objetiva, se tem a fragmentação do conhecimento, onde cada campo do saber científico traduziria o mundo a partir do seu objeto. Há então a separação do conhecimento objetivo (científico e neutro, que visava desvendar as verdades do mundo) do conhecimento subjetivo (aquele dotado da intencionalidade individual, composto por verdades múltiplas). Assim, a separação entre Geografia e Literatura seria reflexo dessa diferenciação. Contudo, a autora contesta essa dicotomia identificando uma inseparabilidade entre objetividade e subjetividade na produção do conhecimento. O caráter subjetivo está presente na Geografia – que também é uma forma de representação do mundo baseada na interpretação de sujeitos e comunicada a outros sujeitos que irão interpretar essa representação. De maneira semelhante, a Literatura também possui caráter objetivo, tanto na concepção de que a percepção parte de um mundo material (portanto objetivo) quanto na relação de comunicação entre sujeitos, que está de acordo com os objetivos resultantes de tal comunicação, expresso pelo caráter denotativo da linguagem.

Sendo assim, podemos pensar no diálogo entre os dois diferentes campos do saber tanto num viés mais objetivo, com a Geografia enxergando a Literatura como: fonte documental que relata descrições fiéis da paisagem; informando a distribuição dos elementos do espaço (numa perspectiva corológica); relatos sobre os modos de vida de determinado grupo social em determinado tempo e espaço, além de relatos históricos sobre a sociedade. Também podemos refletir sobre a atuação objetiva do imaginário geográfico que se forma influenciado por obras literárias, acarretando transformações objetivas na realidade. Um exemplo importante é trazido por Moretti (2003), quando informa que a literatura foi fundamental para a construção da identidade nacional que deu o sustento para a instauração do Estado-Nação na Europa:

Bem, o Estado-nação...encontrou o romance. E vice-versa: o romance encontrou o Estado nacional. E, sendo a única forma simbólica que poderia representá-lo, o romance tornou-se um componente essencial de nossa cultura. Alguns Estados nacionais (notadamente a Inglaterra/Grã-Bretanha e a França) já existiam, naturalmente, muito antes da ascensão do romance: mas como Estados “potenciais”, eu diria, mais do que reais. Tinham uma corte no centro, uma dinastia, uma marinha, algum tipo de tributação – mas dificilmente eram sistemas integrados: eram ainda fragmentados em diversos circuitos locais, em que o elemento estritamente ‘nacional’ não afetara a existência cotidiana (MORETTI, 2003, p.27).

Essa retroatividade, faz com que compreendamos que a subjetividade e a objetividade são, de certa maneira, indissociáveis, já que ambas fazem parte da natureza

humana, pois da mesma forma que atuam e modificam o espaço, são compostas por elementos do espaço. A divisão de perspectiva serve para uma delimitação metodológica.

A Literatura então pode ser uma fonte para a pesquisa científica? É possível distinguir o que é ficção e o que é realidade? Como fazer essa leitura a fim de identificar os elementos presentes na realidade de determinado grupo social, tempo e espaço? Dorfman (2009) afirma que não há uma resposta genérica e determinante para essas questões, entretanto sugere duas maneiras de ler as obras literárias buscando responder essas questões: trabalhar em cima do texto em si, considerando narrativa, linguagem, personagens e metáforas, utilizando-se da Geografia e Literatura para desvelar diferentes ângulos do mesmo fenômeno presente na obra. A segunda maneira é através da investigação da intenção do autor com determinado texto. Para isso, pesquisamos o contexto histórico e geográfico em que se encontra o autor e os ambientes políticos em que ele está inserido.

Em uma leitura de caráter mais subjetivo de uma obra literária, a Geografia vai buscar na Literatura elementos que façam referência às representações culturais, relatos de um cotidiano passado e informações que ajudem a desvendar determinado lugar, tudo isso baseado na experiência do escritor (CASTRO, 2016). Ou seja, a busca se dá na qualidade conotativa, portanto simbólica, da linguagem. Lembrando sempre que essa subjetividade é construída a partir de referências objetivas da realidade.

### 3.2 Território

Pensando na etimologia da palavra latina *Territorium*, percebemos a centralidade que a terra possui para esse conceito, ou seja, de uma realidade materializada. Além dessa noção espacial intrínseca, ao conceito de território é também associada a ideia de poder e autoridade. Para Marcelo Lopes de Souza (2000), o território “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2000, p.78). Ainda para o autor, independente das características desse espaço ou dos grupos que estão inseridos nele, a grande importância na perspectiva territorial é entender “quem domina ou influencia e como domina ou influencia esse espaço” (SOUZA, 2000, p. 78). Essa concepção é primordial para entendermos o conceito de território e desvincularmos da noção de Estado-nação

ao qual foi historicamente aderido, priorizando a relação (desigual) de poder, independente da extensão, localização ou escala da porção do espaço em questão.

Aprofundando mais ainda o conceito de território, Souza (2000) ressalta a importância de se dissociar o território do substrato físico – ele faz referência à Ratzel que usa o termo solo (*Boden*) como essência do território nacional. Não é um acaso, tendo em vista a importância dada ao “espaço vital” (*Lebensraum*) por esse autor. É lógico que todo território vai ocorrer no espaço e, portanto, estar materializado no mesmo, entretanto, quando Souza (2000) defende essa dissociação ele pretende que o território seja visto pela sua essência - que está nas relações de poder e não no espaço por si só. O exemplo dos territórios móveis<sup>3</sup> mostra que por mais que as relações de poder se materializem no espaço, elas não são necessariamente estanques como os limites dos estados-nação. Além disso, existem diversas territorialidades que se sobrepõem em diferentes escalas sobre o mesmo espaço (inclusive sobre o estado-nação). Através dessa ideia de dissociação do território com a materialidade do espaço, que Souza (2000) vai discordar de Raffestin (1993), já que para Souza (2000), Raffestin (1993) ainda não promove essa ruptura, mesmo que evidencie a questão do poder:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço. Lefebvre mostra muito bem como é o mecanismo para passar do espaço ao território: "A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, autoestradas e rotas aéreas etc." O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a "prisão original", o território é a prisão que os homens constroem para si. (RAFFESTIN, 1993, p.143).

Souza (2000, p. 96) utiliza parte desse mesmo trecho para justificar a discordância com o excesso de “coisificação” e “reificação”, ou seja, incorporando o conceito de território ao substrato material. Contudo, Raffestin (1993) traz muitas contribuições para o conceito de território, como a noção de que o território se forma a partir do espaço, tendo nas relações de poder a centralidade do conceito de território. Poder esse que inclusive vai além da apropriação territorial por meios concretos, mas também por meios abstratos (como a representação). Nessa última contribuição de

---

<sup>3</sup> Souza (2000) encontra em Robert Sack a ideia de “território móvel” (o exemplo do bairro que no período diurno possui uma característica residencial e de comércio de baixo status e à noite se transforma em território de prostituição, entre outros que ele aponta no texto, traduzem essa ideia de mobilidade)

Raffestin (1993), podemos fazer um paralelo com o conceito de espaço geográfico que Milton Santos (2006) vai estabelecer. Como o território vai se constituir dentro dos limites da noção de espaço geográfico, podemos entender que a noção de apropriação do espaço através de um meio abstrato seria o sistema de ações atuando e influenciando o sistema de objetos através das representações, ou do imaginário humano. E aqui já conectamos com os conceitos de consciência geográfica e ideologia geográfica. Um exemplo, para citar a própria ideia de estado-nação, é pensarmos que o respeito aos limites territoriais desses estados - por parte das pessoas que ali vivem - é fruto de um sistema simbólico, apoiado na identificação com determinados símbolos, fazendo com que as pessoas realmente respeitem e ajam para consolidar essas determinações territoriais, organizando o espaço físico a partir de uma ideia abstrata. Ainda nesse exemplo, relembramos a citação feita no subcapítulo anterior à Moretti (2003), sobre a importância da Literatura como meio de propagação dos símbolos e mitos nacionais.

Contudo, a organização dos Estados se dá de maneira diferente em relação ao local. Nesse sentido uma questão é de grande importância: como se dá a formação da nacionalidade e do território nos países que passaram pelo processo de colonização, como no caso do Brasil? É compreensível que a constituição de um Estado-Nação seja baseada em uma simbologia construída - geralmente referenciada em uma ancestralidade e mito comuns a um grupo de cidadãos de determinado espaço que resulta em uma doutrinação patriótica. Mas, quando a formação desse Estado se dá pelo controle ideológico de um outro Estado? Como a identidade nacional se constrói em um povo diverso, com interesses e poderes distintos e sobretudo quando a metade da população está submetida à violência da escravização?

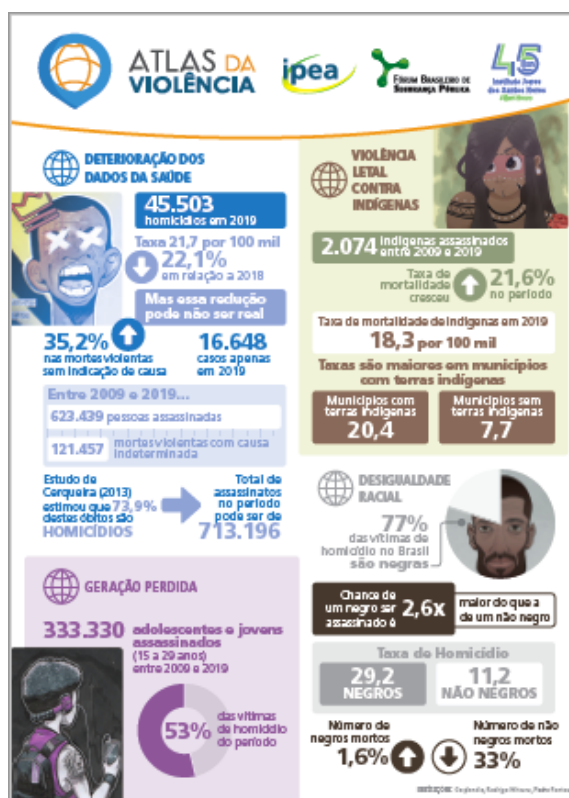
Moraes (2008) diferencia os processos de formação dos países coloniais do processo ocorrido nos países colonizadores. Essa discrepância se dá por alguns fatores que elencaremos a seguir e que entendemos serem de suma importância para a melhor análise dos textos literários a partir do território. O primeiro ponto é: a ocupação desses espaços vai se dar a partir da conquista territorial, onde uma população europeia vai tomar o espaço de outras populações que viviam previamente lá, pela via da violência; o interesse da ocupação desse território vai estar diretamente vinculado à apropriação dos recursos, tanto os recursos naturais, quanto as pessoas que ali habitavam, tratadas como recursos humanos, ou seja, propriedades privadas da colônia. No decorrer do período colonial e imperial, serão traficadas para esse espaço mão de obra escravizada

oriunda de diferentes locais do continente africano. Esse quadro de desigualdade tão intenso vai influenciar e refletir no contrato social estabelecido entre a população brasileira. Quem tem direito a ser cidadão e quem não tem? Moraes destaca:

As formas de trabalho compulsório imperantes, as restrições raciais vigentes, tudo conspira contra a construção de uma imagem unificadora da nação nesses contextos. Ao contrário, a diferenciação e a meritocracia emergem aí como as características básicas de uma identidade negativa, isto é, construída no contraste e na exclusão sociais. Uma identidade não totalizante do ponto de vista do conjunto da população, antes excludente e fragmentadora, que divide a sociedade exatamente pela qualificação e distribuição de direitos políticos. (MORAES, 2008, p. 79)

Não se pode ignorar a herança colonial e como quase 400 anos de escravidão estruturaram o país que vivemos hoje. A identidade brasileira, ou a identidade que era propagada como ideologia geográfica, se forma nesse contexto, a partir da diferenciação entre os não-escravizados e os escravizados. O chamado complexo de vira-lata do brasileiro vem daí: de discursos que justificavam os problemas nacionais como produto da miscigenação. O resultado desse processo histórico de desigualdade é facilmente percebido hoje, os dados presentes em diversas pesquisas o afirmam. Citamos, por exemplo, o fato de a chance de um negro ser assassinado ser de 2,6 vezes maior do que a de um não negro, ou o crescimento do assassinato de indígenas como resultado da ganância de grupos que desejam recursos de suas terras legitimadas, como mostra parte do infográfico do Atlas da Violência de 2021 representado na Figura 1:

Figura 1 – Infográfico do Atlas da Violência de 2021.



Esses dados são só uma pequena ilustração da desigualdade entre o povo brasileiro hoje e que tem origens no seu processo de colonização. Se já nos assustamos com esses dados, é ainda importante destacar que os dados do governo que essa pesquisa teve acesso, registrou entre 2009 e 2019 mais de 120 mil mortes com causa indeterminada, ou seja, os índices de homicídios devem ser ainda maiores, sobretudo entre a população negra.<sup>4</sup> Um conceito que nos ajuda a analisar o espaço a partir do modo como as relações de poder influenciam a vivência das pessoas é a territorialidade.

Ao longo do texto escrito em 2000, Marcelo Lopes de Souza discute o conceito de territorialidade<sup>5</sup>. Souza (2000) propõe pensar a palavra assim como outras que terminam com o sufixo “dade” e que designa *estado*, *propriedade* ou *qualidade* de algo, no caso do que é territorial, como fica bem entendido neste trecho:

<sup>4</sup> O filme M8: quando a morte socorre a vida (2019), dirigido por Jeferson De, aborda essa temática.

<sup>5</sup> Territorialidade. Sf. 1 **Condição do que é territorial**. 2 JUR Condição daquilo que se acha compreendido no território de um Estado. 3 JUR Limitação da força imperativa das leis ao território do Estado que as promulga. 4 ECOL Instinto que leva os animais a delimitarem espaços distintos, que defendem contra invasores, sejam eles membros da mesma espécie ou não, a fim de estabelecerem uma área de abrigo, alimentação e reprodução (MICHAELIS, 2015, grifo do autor).

A territorialidade, no singular, remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território, isto é, de acordo com o que se disse há pouco, **relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial**. As territorialidades no plural, significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmica etc. (...). Seja como for, é óbvio que, ao falar de territorialidade, o que o autor deste artigo tem em mente é um certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço (SOUZA, 2000, p. 99, grifo do próprio texto citado).

Além da condição de propriedade do que é territorial, ou do que torna uma porção do espaço território, chamamos atenção para a pluralidade da territorialidade sublinhada pelo autor, de acordo com as diferenças entre as mais diversas territorialidades. Em contribuição a essa noção da multidimensionalidade, Rogério Haesbaert e Ester Limonad (2007) em um artigo em que discutem o conceito de território em tempos de Globalização, destacam uma maneira bastante didática de se perceber a territorialidade em suas diversas dimensões e perspectivas. São elas as dimensões jurídico-política, a econômica e a cultural. Fazendo um paralelo com o desenvolvimento da Geografia como ciência, epistemologicamente poderíamos encaixar a dimensão jurídico-política do território com a proposta por Ratzel: diretamente associada ao estado-nação e ao substrato físico onde se manifesta o território, diretamente vinculadas a estrutura oficial do Estado; já a dimensão econômica do território estaria vinculada a Geografia crítica da metade final do século XX, fortemente influenciada pela escola marxista, onde a territorialidade poderia ser explicada pelas relações sociais de produção; e a dimensão cultural também da metade final do século XX, trabalharia mais pela perspectiva das relações de poder relacionadas à cultura, identidade, pertencimento, exploradas pela geografia dita humanística e/ou cultural. O próprio quadro nos mostra que as dimensões jurídico-política e a econômica se apoiam mais nos elementos concretos e objetivos do espaço, enquanto a perspectiva cultural trabalha mais com a subjetividade e com o imaginário envolto nessas relações de poder que se manifestam no espaço.

Para essa pesquisa, através das referências já citadas, entendemos o conceito de território baseado em relações de poder, e essas podem ser analisadas por diferentes perspectivas, considerando a multidimensionalidade do conceito de território e sua manifestação no espaço, sejam elas de caráter jurídico-político, cultural ou econômico, entendemos que para nos aproximarmos de uma visão mais complexa do espaço e das

relações de poder nele existentes, precisamos ter sedimentada a ideia de que essas territorialidades se sobrepõem em um espaço cada vez mais dinâmico e complexo. Ou seja, se optarmos por enxergar o território por apenas uma dessas perspectivas, teremos a consciência de que serão realidades parciais do território. Por isso que entendemos ser importante o diálogo – respeitando as particularidades de cada perspectiva - entre essas diferentes dimensões, com o objetivo de entender como essas sobreposições de territorialidades dialogam, se influenciam, se manifestam e modificam o espaço.

Por fim achamos importante destacar uma outra variação relacionada com o conceito de território, que são a territorialização e a desterritorialização. Prestando a atenção na constituição da palavra, as relacionamos diretamente com o ato de territorializar ou desterritorializar. Haesbaert (2004) simplifica os objetivos do ato de territorializar em quatro: abrigo físico e fonte de recursos; identificação de grupos sociais; domínio e controle de alguma parcela do espaço; controle de conexões e fluxos. Percebemos que as três dimensões do território estão inseridas no ato de territorializar, reforçando a complexidade característica das relações territoriais. No mesmo texto, Haesbaert questiona a ideia de desterritorialização, pois acredita que não existe um ser completamente desterritorializado. É por isso que Haesbaert (2004) vai dizer que essa complexidade de territorializações em múltiplas dimensões e escalas vai sim gerar desterritorializações, mas ao mesmo tempo gerará novas territorializações por parte desses seres desterritorializados, sendo assim constituído o movimento de reterritorialização. Para exemplificar cito Morais (2021), quando explorei geograficamente a obra “Capitães da areia” de Jorge Amado: As crianças da história, são desterritorializadas na parte alta da cidade de Salvador, que é a parte que se concentra a população de maior poder econômico. Lá são vistas como indesejadas e sofrem diversas represálias, tanto dos moradores quanto do Estado, representado pela polícia. Entretanto, essas crianças se reterritorializam em um trapiche abandonado na beira da praia. Lá garantem abrigo, possuem sua autonomia para se manterem e também desenvolvem uma identificação com aquele espaço (MORAIS, 2021).

A partir da concepção de território tomada aqui, ambicionamos identificar nas obras as relações de poder existentes na Porto Alegre do início do século XX e do século XXI. Entendemos que elementos da segregação urbana estarão presentes nas obras analisadas, já que são reflexo da desigualdade, inerente à estrutura de um país colonizado.



### 3.3 Sobre os autores

#### 3.3.1 Contextualizando Erico Veríssimo

Erico Veríssimo, nasceu em 1905, na cidade de Cruz Alta, no norte do Rio Grande do Sul. Oriundo de uma família de estancieiros tradicional da região, estuda no colégio Cruzeiro do Sul, que se localizava na zona sul da capital. Volta para Cruz Alta, e tenta ajudar a família administrando uma farmácia, já que perderam a maior parte de sua fortuna. Em 1930, aos 25 anos, segue sem dinheiro junto da esposa para Porto Alegre, lá arruma um emprego na livraria O Globo que consolida sua proximidade com a literatura.

Gonzaga (2004) inclui o autor no movimento literário romance de 30, que sucedeu o movimento modernista<sup>6</sup> de vanguarda, mantendo algumas de suas inovações estéticas, como a valorização do cotidiano e a linguagem mais acessível. A principal diferença para a geração modernista vai se dar na rejeição ao intenso experimentalismo técnico, na busca pela verossimilhança e a presença marcante da crítica social. Inclusive muitas obras desse movimento são consideradas como “romances de denúncia”, que buscam a comunicação com o grande público através da linguagem coloquial, para retratar injustiças sociais (GONZAGA, 2004). Alguns outros nomes conhecidos dessa corrente literária são: José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Amando Fontes e Dyonélio Machado.

Importante pontuar que a 2ª geração modernista, conhecida como o romance de 30, é bastante influenciada pelo contexto político, econômico e cultural da época, tanto em escala global quanto na escala nacional. A crise de 1929, que enfraqueceu a elite rural do sudeste brasileiro e que mantinha uma grande centralidade na política do país; o período entre a 1ª e 2ª guerra mundial colocando em pauta questões humanitárias; o estabelecimento de uma união de repúblicas socialistas no leste da Europa e centro-norte da Ásia - como um contraponto à ordem capitalista - coloca em pauta as teorias sobre o socialismo, comunismo, luta de classes, desigualdade social, que influenciaram diversos movimentos sociais e políticos ao longo do século XX; os processos crescentes de

---

<sup>6</sup> Movimento que se propunha a revolucionar a arte mundial através de intensos experimentalismos estéticos e tinha como características marcantes a liberdade de expressão, a valorização do cotidiano, a linguagem coloquial, a ambiguidade e a paródia. No Brasil tem seu início com a semana de arte moderna de 1922 (GONZAGA, 2004).

industrialização e urbanização no Brasil, colocam o espaço urbano como o palco de inúmeros romances desse período, num momento histórico que ainda a população rural era maior que a urbana, porém os movimentos populacionais já demonstravam o processo de inversão dessa organização espacial, que se concretiza de fato durante a década de 1950. A figura 2 é um mapa conceitual que resume alguns desses processos políticos, econômicos e culturais que influenciaram a geração do romance de 30:

Figura 2 – Mapa conceitual de processos políticos, econômicos e culturais que influenciaram a geração do romance de 30.



(MORAIS, 2023)

A produção de Erico Veríssimo é dividida em duas fases: A primeira reúne as obras *Clarissa* [1933], *Caminhos Cruzados* [1935], *Música ao longe* [1935], *Um lugar ao sol* [1936], *Olhai os lírios do campo* [1938], *Saga* [1940] e *O resto é silêncio* [1943], que tem como características comuns o espaço urbano como o palco da trama; o registro de valores e costume da pequena burguesia da época associados a uma visão humanista; romances centrados na família, inclusive sendo essa o centro de conflitos dramáticos; a busca pela ascensão social; a repetição de personagens em diferentes obras.

A segunda fase é marcada pela presença marcante do rural e da intenção em representar a formação do estado do Rio Grande do Sul de forma épica - naquela que é considerada a sua principal obra, a trilogia de *O tempo e o vento* (*O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*) [1949 a 1962]. O caráter épico do romance e de suas personagens vai

impulsionar a construção de uma representação mítica sobre a figura do gaúcho, que vai dominar o imaginário regional. Dialeticamente, vai contrastar esse imaginário mítico com a crítica à extrema violência, mantendo a promoção dos valores humanistas característico da primeira fase. Também fazem parte dessa fase *Noite* (1954), *O senhor embaixador* (1965), *O prisioneiro* (1967), *Incidente em Antares* (1971) e o seu livro de memórias *Solo de clarineta* (1973).

Erico ganhou diversos prêmios: Machado de Assis (1954), Jabuti (1966), Juca Pato (1967), PEN Clube (1972), Fundação Moinho Santista (1973), entre outros) como reconhecimento pela sua carreira literária. Faleceu em 1975, com 70 anos em Porto Alegre, vítima de um infarto.

### 3.3.2 Contextualizando José Falero

Em entrevista a André Natã Mello Botton, doutorando em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), José Falero conta um pouco de sua história: onde viveu, o que viveu e como acabou se tornando aos 34 anos, um dos finalistas do 63º prêmio Jabuti, com o romance *Os Supridores* (2020). José Falero nasceu em Porto Alegre em 1987, filho de Rita Helena Falero e José Carlos da Silva, se criou na Lomba do Pinheiro, bairro da periferia de Porto Alegre. Morou também na Cidade Baixa (bairro central de Porto Alegre), porém por volta dos 12 anos, retornou à Lomba do Pinheiro depois da separação de seus pais. Aqui já percebemos um entrelaçamento da Geografia com a literatura de Falero, visto que o seu contato com a leitura surgiu a partir do incentivo da irmã mais velha, que continuou morando na Cidade Baixa para completar os estudos na Escola Técnica Parobé. Falero comenta que o acesso à cultura que a irmã teve - a partir da vivência dela nesse ponto central da cidade e mais o seu acesso ao ensino superior - permitiram que ele fosse influenciado por ela a ler livros, algo incomum aos seus vizinhos da Lomba do Pinheiro. Isso fica evidente quando Falero comenta o quanto o interesse pela leitura que surgia nele contrastava com os interesses de seus vizinhos, a ponto de ele perceber um processo de mudança da sua rotina comparado à rotina que tinha antes e comparada à rotina do lugar onde vivia:

“(...) eu comecei a me tornar um cara bizarro, porque ninguém me via mais na rua, porque eu comecei a ler muito e comecei a me interessar por coisas que ninguém aqui queria saber, entendeu? Então, eu comecei aos poucos a ficar incompatível com as pessoas, tá ligado? Eu me sentava com os nego aqui e eu ia falar do livro... eu queria falar, sabe?! E eu sei que eles não queriam saber, mas aí as coisas que eles falam eu também não queria mais saber, entendeu? De droga, de morte, de baile, tá ligado? Assim, aos poucos eu fui me ausentando da rua, isso foi um processo de meses, talvez um ano, dois. Ao ponto de eu não sair mais pra rua. Velho, eu ficava lendo, eu só lia, eu ficava lendo, lendo, lendo, lendo, lendo...” (FALERO, 2022, p. 2-3)

A transição de leitor compulsivo para escritor, se deu tanto por uma característica de sua personalidade<sup>7</sup> - quanto pelo fato de não enxergar a sua realidade nas literaturas que consumia:

“(...) embora eu gostasse muito de ler, eu reparava que não tinha nada a ver com a minha realidade isso. Assim, o cara tava numa crise existencial, o mote da história é esse, aí ele resolve viajar para Paris, pra ver o que acontece. Velho, sabe?! Não tem nada a ver com a minha realidade. Eu queria ver o personagem que lava a louça. O personagem que quer ir estudar e não tem passagem, que vai a pé, ou que se ferra com os ônibus lotados. O cara precisando de um trampo e não tem, e tem que alimentar as crianças, como que faz, tá ligado? As coisas que eu vejo aqui na minha realidade eu queria ver isso nos livros e não via. E tudo isso começou a me incomodar, assim, eu pensei: ‘meu, eu vou começar a escrever!’ Aí está, a partir disso nasce o José escritor, o José Falero (FALERO, 2022, p. 3).

Sobre a sua escrita, ao ser questionado se ele escreve da quebrada dele, Falero pontua que nem sempre a sua escrita está diretamente vinculada à realidade da periferia, mas que também está presente lógicas e pensamentos comuns à existência humana, independente de classe, etnia ou local. Sua escrita reflete percepções do cotidiano, seus estranhamentos – comenta sobre a compreensão de que a escrita é a filosofia aplicada, consistindo na prática, portanto, de materializar pensamentos que lhe surgiram, não estando necessariamente vinculados à periferia. É interessante a diferenciação que Falero faz sobre um escritor periférico e uma obra periférica - e os conceitos de ideologia e consciência geográfica atravessam essa diferenciação. Escritor periférico é um escritor que vem da periferia, mas a sua obra não necessariamente precisa ser sobre a periferia. Faz, inclusive, uma analogia com o racismo biológico e social: ele é um escritor, assim

---

<sup>7</sup> “(...) na real sou um cara inclinado à produção, tudo o que eu acabo aprendendo, que eu tenho a oportunidade de aprender, eu quero produzir! Quando eu aprendi a tocar cavaquinho, por exemplo. Eu não consigo ouvir música, ligar o rádio e ouvir umas músicas. Se eu começo a ouvir música, eu começo a tentar a tocar essa música, no violão ou no cavaquinho. Eu não aguento ficar ouvindo, eu quero produzir! Daqui a pouco eu quero compor, sabe? E isso é uma característica. Sobre a leitura, eu fiquei um tempão lendo, lendo, e daqui a pouco caiu a ficha: ‘por que eu não escrevo?’” (FALERO, 2022, p.3)

como todos os seres humanos – independente da etnia, são seres humanos. Contudo, devido ao que a sociedade brasileira considera universalmente como um escritor, por não estar dentro desse padrão, é destacada nele essa marca, de alguém alternativo ao padrão da literatura brasileira, que historicamente não pertence àquele espaço, mas que está lá, marcando o território como um dos representantes da arte originada na periferia. Ao mesmo tempo em que destaca a sua identidade - como um escritor que fala de um lugar que não é comum na literatura brasileira ele reflete a desigualdade social, que tem como o padrão a população branca, de classe média e alta, e que por ser o padrão, não precisa ser demarcada.

Nessa contradição, Falero se percebe como um escritor periférico/marginal pois o seu modo de ver a realidade – a sua consciência geográfica – é marcada por uma territorialidade periférica, já que sua vivência é intrínseca a esse recorte socioespacial. Sobre o que seria periferia, destaca que a noção de periferia transcende o domínio geográfico das áreas que se localizam na zona próxima do perímetro da zona urbana – à margem do centro. Estaria vinculado a uma identidade cultural<sup>8</sup> ligada às classes trabalhadoras que não possuem o mesmo acesso à recursos e modos de vida que a elite e a classe média das sociedades brasileiras – sobretudo uma identidade ligada à cultura negra, considerando o histórico colonial racista do Brasil. Essa diferença está presente nas periferias de todo o país. Cita o exemplo dos Racionais MCs e suas músicas que retratam a periferia de São Paulo, mas que trazem elementos comuns às periferias do país:

Na real, todo o debate deles, o cara vai se identificar. Eles vão debater as drogas. Eles vão debater esse lance das pessoas, teus camaradas que se atiram nas drogas, eles vão debater! Eles vão discutir todo tipo de coisa, todo tipo de situação que o cara da periferia de qualquer lugar deste país vai ter experimentado ou já viu alguém passar. (FALERO, 2022, p. 5)

A contradição geográfica entre centro e periferia se reflete nos hábitos, modos de vida e vivências das pessoas que habitam esses espaços marcados pela desigualdade social quando comparados com os hábitos, modos de vida e vivência das pessoas que vivem no centro. Essa distinção fica evidente na narrativa de Falero, através dos sentimentos expressados por personagens oriundos da periferia quando estes se encontram em espaços do centro de Porto Alegre vinculados à elite, ambientes hostis a

---

<sup>8</sup> Cita o exemplo da Vila Planetário, em Porto Alegre, que apesar de se localizar em um bairro próximo ao centro, carrega uma identidade periférica. Nesse sentido, lembramos também os exemplos das favelas no Rio de Janeiro.

quem não está acostumado a transitar por esses espaços e, portanto, não se sentem pertencentes. O recorte de classe e raça é muito forte nessa relação, pois nesses ambientes as pessoas que estão acostumadas a transitar por ali, possuem estilos e modos de vida semelhantes, que marcam a distinção em relação àqueles que não estão. Essa distinção tão marcante é reflexo das desigualdades socioespaciais e identifica o papel da periferia e do centro na dinâmica da cidade.

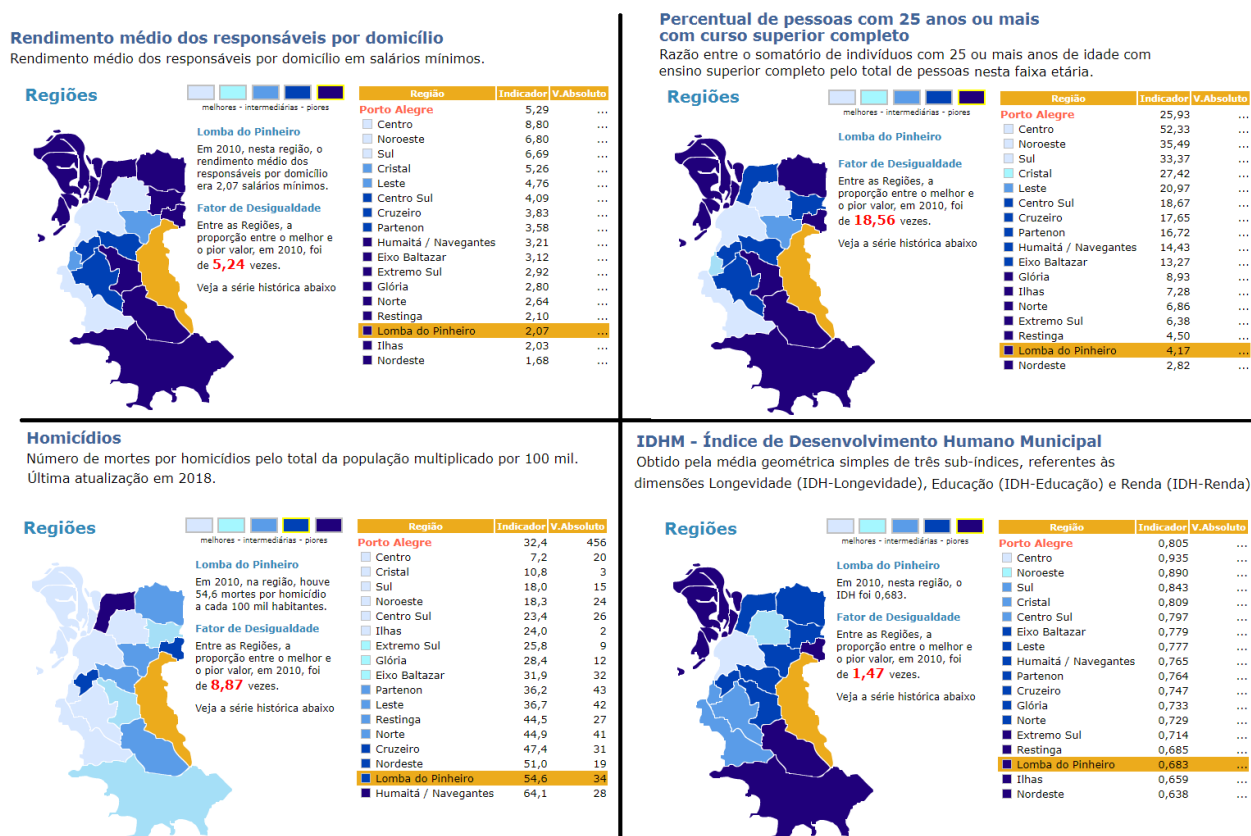
Se refletirmos sobre quem acessa os papéis de poder e de tomada de decisão nas políticas que envolvem Porto Alegre, enxergaremos esses espaços dominados pela população que representa o centro do sistema capitalista na escala municipal. Nesse sentido, tudo vai estar de acordo com essas consciências geográficas, enquanto a periferia é excluída desse espaço, não podendo assim inserir os seus modos de vida, os seus interesses como parte integrante da cidade. Essa exclusão tem no espaço geográfico a sua materialização, ao não serem destinados recursos e políticas para suprir as demandas desses espaços. A invisibilização desses espaços e conseqüentemente dos problemas que existem lá, se reflete cartograficamente, como no exemplo citado por Falero:

Na época não tinha o advento do Google de tu ir olhar o Google Maps, né? Eu peguei uma lista telefônica, sabe o que tinha na lista telefônica? Tinha assim: Viçosa, Nova São Carlos e no meio não tinha nada. Não tinha! Segundo o mapa oficial não existia esse lugar. Olha que viagem! Não tem nome oficial, não consta nos mapas. Só que informalmente quem mora ali chama de Vila Sapo tem esgoto a céu aberto ali, então quando chove transborda e quando baixa tem um monte de sapinho que aparece pulando pra lá e pra cá, Vila Sapo... Começou como um nome pejorativo, na real. (FALERO, 2022, p. 8-9)

Esse trecho diz muito sobre a geografia de onde o Falero vem, sobre como ela é vista pelo restante de Porto Alegre e sobre quem alimenta a base de dados do Google. Falero, com a sua obra, entra na briga para que a Vila Sapo apareça no mapa.

Sobre o local que a Lomba do Pinheiro ocupa em Porto Alegre, para melhor compreendermos de qual contexto o autor fala, separamos alguns indicadores representados pela Figura 3, para ilustrar a desigualdade da região em relação às zonas centrais da cidade:

Figura 3 – Compilado de indicadores sociais sobre Porto Alegre.



Fonte: Observatório da cidade de Porto Alegre (observapoa). Disponível em:

<<http://www.observapoa.com.br/>>.

Foram selecionados indicadores referentes ao rendimento médio dos responsáveis por domicílio, ao percentual de pessoas com ensino superior completo, taxa de homicídios e índice de desenvolvimento humano municipal. Em todos os indicadores, a região da Lomba do Pinheiro aparece com os piores números do município, diferente das zonas centrais, identificadas em todos os mapas com a cor mais clara, que representa os melhores índices.

Contudo, a obra de Falero não pode ser limitada e resumida a uma crítica à desigualdade social – já que sua escrita aprofunda questões filosóficas e existenciais comuns à humanidade – também a suas críticas não se limitam à percepção e denúncia das desigualdades, mas aprofunda o olhar às raízes dessas desigualdade, denunciando a partir de um olhar com denso conhecimento teórico e prático, como os mecanismos do sistema capitalista geram, potencializam e fazem permanecer as desigualdades, sobretudo relacionados ao modo de produção e à divisão social do trabalho. No livro *Os Supridores* (2020), por exemplo, Falero traz uma explicação de como funciona a mais-

valia – conceito de Karl Marx – de uma maneira didática, na voz do personagem Marques, com exemplos práticos e possíveis de serem visualizados no cotidiano por pessoas ainda não treinadas na linguagem escrita acadêmica. Se percebe também sua literatura como um meio de ampliar a consciência geográfica de quem a lê, seja essa pessoa oriunda da classe trabalhadora e que nunca teve acesso a essa reflexão e percepção, seja alguém oriundo da elite ou classe média alta, que nunca teve o acesso à compreensão de seus privilégios, do seu papel na exploração da classe trabalhadora e na consequente perpetuação das desigualdades sociais.

A literatura de Falero tem potencialidades para refletirmos em que mundo nós vivemos e qual o nosso papel nel. Esse breve resumo do autor e da obra serve como contextualização de onde parte o autor das crônicas que vamos analisar paralelamente à obra de Erico Veríssimo. Além de *Mas Em Que Mundo tu Vive?* (2021) e *Os Supridores* (2020), Falero também escreveu o livro de contos *Vila Sapo* (2019).

#### 4 CRUZANDO MUNDOS, CAMINHOS, TERRITÓRIOS E SABERES

Iniciamos contextualizando historicamente a obra daquele que veio primeiro: Erico Veríssimo. Partimos de um período histórico da década de 1930, ou seja, numa perspectiva econômica pós crack da bolsa de Nova York e o consequente enfraquecimento das elites cafeeiras brasileiras. Tal crise vai resultar em mudanças na política interna do país, como o golpe orquestrado por Getúlio Vargas em 1930. Essa mudança política vai resultar em uma ascensão da elite gaúcha no âmbito da política nacional. Na escala global, a geopolítica estava marcada pela ascensão do nazi-fascismo do período entre guerras. Na trama, inclusive, há algumas referências à Hitler e Mussolini, principalmente ao segundo, querido pelo sapateiro Fiorello, um humilde imigrante italiano vizinho e amigo do professor Clarimundo.

Dentro desse contexto político e econômico, a trama se passa em Porto Alegre na década de 1930. Uma cidade que crescia demográfica e tecnicamente, com a elite visando absorver os avanços técnicos da modernidade, tanto para potencializar o lucro dos negócios, quanto para se perceber como uma elite moderna. As personagens do



núcleo burguês se preocupam muito em estar dentro de um padrão de modernidade, seja nos costumes ou na moda.

#### 4.1 *Caminhos cruzados*

O romance acontece em 5 dias, começando no sábado de manhã e terminando na quarta-feira à tarde e apesar de ter uma estrutura da narrativa linear, Erico inova ao utilizar a técnica do contraponto, desenvolvida pelo escritor inglês Aldous Huxley (que teve uma obra traduzida por Erico Verissimo), que consiste em não instituir na trama um centro narrativo único. Portanto o romance é composto por diferentes núcleos de personagens paralelos, que vivem na cidade de Porto Alegre e que eventualmente tem seus *Caminhos Cruzados*, mas constituem histórias diferentes (GONZAGA, 2004). Essa característica da obra dá uma noção de que para o entendimento da mensagem do romance, o coletivo conta mais que as individualidades, centrando a importância da narrativa nas relações do cotidiano porto-alegrense, principalmente evidenciando os contrastes sociais.

Os personagens são divididos em dois grandes grupos: o núcleo das famílias burguesas e o núcleo das famílias pobres. A questão da desigualdade é central no livro, que denuncia as injustiças, extravagâncias e vaidades frente à dor e à miséria das famílias do núcleo pobre. Mas a dor não está presente apenas em uma das classes sociais: ela está presente em todas as histórias de alguma forma, cada uma de acordo com o seu contexto. E nisso Erico é bem pragmático. A dor e o conflito das famílias pobres são fruto da desigualdade, e suas consequências - como o desemprego, a fome, a miséria. Já a dor das famílias ricas está relacionada a questões morais, seja pela vaidade, como no caso de Virgínia, que sofre com o seu envelhecimento; seja pela inveja; pela traição, como nos casos extraconjugais do Coronel e do Comerciante Leitão Leiria; pela infelicidade familiar, entre outros. O autor faz caricaturas bem simples que facilitam nossa empatia com as personagens do núcleo urbano pobre. A Figura 4 apresenta um mapa conceitual dos personagens e suas relações cruzadas:



#### 4.1.2 Caminhos e territórios Cruzados

Claude Raffestin, no livro “Por uma Geografia do Poder” (1993), propõe pensar a Geografia através de uma perspectiva que enfatize as relações humanas no espaço e, pelo fato de toda relação humana ser marcada por uma relação de poder, propõe pensar uma Geografia pela perspectiva do poder. O poder para Raffestin (1993), visa o controle e a dominação de pessoas e objetos, buscando em Etzioni a referência para destacar os tipos de poder, que são três:

Assim, para esse autor, o poder coercitivo está baseado na aplicação de sanções físicas, o poder "remunerador" (*rémunérative*) está fundado sobre o controle dos recursos materiais, sobre a destinação de salários ou de gratificações, enquanto o poder normativo se funda sobre a manipulação de recursos simbólicos. (RAFFESTIN, 1993, p. 54-55)

Pensando na obra de Erico, um exemplo para o poder normativo pode ser identificado em D. Dodó, a esposa de Leitão Leiria, que está sob as normas da igreja católica, direcionando a maior parte de sua energia para compromissos com a igreja, apesar de, em seu interior, existir a vaidade de ser reconhecida publicamente como uma pessoa admirável. Um exemplo de poder coercitivo está na figura da polícia que, ao representar os interesses do Estado (que é um poder normativo), impõe a força física para manter a sua ordem. Na história, um exemplo de poder coercitivo pode ser encontrado em Ponciano, o sujeito que deseja a esposa de João Benévolo e visita-a constantemente visando o dia que conquistará Laurentina:

Aquilo já dura uma boa dúzia de meses. Quase todas as noites, a visita indesejável. Ponciano fica num canto, os olhinhos com um brilho de gelo, a respiração difícil. Tina costura e ele, João Benévolo, lê. O relógio bate horas, oito, nove, dez... O tempo passa. O olho de Ponciano sempre chocando Laurentina... João Benévolo olhando para os dois com o rabo dos olhos, com uma raiva impotente a ferver-lhe no peito. Vontade de gritar. “Isto também é demais, seu Ponciano, que é que o senhor quer? Explique-se ou ponha-se na rua!” Mas Ponciano é um homem de físico forte e tem dinheiro. Ninguém está livre dum aperto. Sempre é bom ter um amigo a quem recorrer. *Amigo*. Toda esta vergonha por causa da miséria, da falta de emprego... (VERISSIMO, 1982, p. 87).

A coerção nessa relação é causada pelo porte físico de Ponciano, que faz com que João Benévolo não tenha uma atitude resistente à visita do galanteador. Entretanto, há também a presença de um poder remunerador, já que a melhor condição financeira de Ponciano faz João relevar a atitude dele pensando em alguma necessidade pela qual venham a passar, o que por sinal, no decorrer da história acontece. O poder remunerador

é bastante presente na narrativa, já que o tema central é a desigualdade social e as consequências de tal assimetria, como no caso de João Benévolo:

João Benévolo mira o carro com olho triste. O que sente não é raiva. O Sebastião, que também está desempregado, tenta impingir-lhe ideias comunistas. Diz que o dinheiro está mal distribuído no mundo: uns têm demais, outros têm de menos; uns tomam banho em champanha, outros morrem de fome. Mas o sentimento que os ricos despertam em João Benévolo é de admiração e de inveja. Uma inveja passiva de quem sabe que nunca, por mais que faça e pense e grite, poderá atingir aquelas culminâncias de felicidade e conforto. João Benévolo admira os ricos como a criaturas dum mundo remoto completamente fora de seu alcance e aceita-os quase como os povos antigos aceitavam seus reis — por direito divino. (VERISSIMO, 1982, p. 64)

Apesar de nesse trecho estar evidente o poder remunerador, ele não é o único. O fato de João não ter raiva, pelo contrário, admirar, invejar e enxergar os ricos como algo imutável, definido por uma entidade divina, está relacionado com o poder normativo, que define que essa desigualdade de riqueza está dentro do contrato social e, portanto, não é uma imoralidade. Com isso concluímos que esses três tipos de poder não estão dissociados. Eles estão associados e cada ator vai envolver-se em múltiplas relações de poder de todos os tipos, inseridos em um verdadeiro campo de forças ou campo de poder (RAFFESTIN, 1993). Contudo, falar de poder por si só, não é Geografia. Para ser Geografia é preciso pensar o poder relacionado ao objeto da Geografia, que é o espaço. Ou seja, poder espacializado. E o conceito da Geografia que dá conta dessa perspectiva é o território, como resultado da ação de dominação/apropriação em um determinado espaço, resultado de uma territorialização. Essa ação territorializadora é prática de todos os humanos, inseridos nesse imenso campo de disputas de poder. De maneira análoga a noção de três tipos de poder, buscada em Raffestin, o artigo de Haesbaert e Limonad (2007) - que citamos no referencial teórico – fala em três dimensões do território: a dimensão jurídico-política (que se aproximaria do poder coercitivo), a dimensão cultural (normativo) e a dimensão econômica (poder remunerador).

Outra noção que consideramos importante ressaltar na relação da territorialização exposta pelas ações das personagens presentes na história é que a propriedade desse ato estaria relacionada ao conceito de territorialidade que “reflete a territorialidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral” (RAFFESTIN, 1993, p. 158), ou seja, as relações de poder estão

ativamente presentes nas situações mais banais do cotidiano, moldando as relações individuais e coletivas entre si e com o espaço. Nesse sentido, nos aproximamos da noção de espaço banal, que Milton Santos vai buscar no economista François Perroux e aplicar à Geografia, como o “espaço de todos: empresas, instituições, pessoas; o espaço das vivências” (SANTOS, 2001, p. 108). Esse espaço seria o espaço contíguo, das relações horizontais, se materializando na escala do local.

- Para representar o espaço banal podemos pensar em uma comunidade, um bairro, ou até mesmo um município, onde as relações de poder possuam proximidade física, portanto horizontalidade. Pensando na obra de Erico, percebemos que o microcosmo da travessa das Acácias é um exemplo de lugar de contiguidade, como um espaço da horizontalidade e, portanto, como um espaço banal onde seus moradores vão desenvolver as relações entre si, de cooperação e competição (com ênfase na primeira). A cidade de Porto Alegre também pode ser vista como um espaço de horizontalidade - devido a sua proximidade física - apesar de ser um espaço mais complexo que a travessa das Acácias, justamente por abranger um maior número de pessoas e, portanto, de territorialidades. Contudo, essa escala mais local do espaço banal - e aí nos aproximamos à escala do lugar - também está sujeita a forças externas, de atores distantes (instituições internacionais, bancos, empresas multinacionais, países etc.) que atuam influenciando a dinâmica desses espaços locais, se valendo das redes para instituir um poder hegemônico. Um exemplo prático na história é como as pessoas do núcleo rico reverenciam os costumes externos em detrimento dos costumes locais. Dr. Armando por exemplo exalta a cultura francesa, citando poemas de autores de lá e até mesmo raciocinando em francês, como forma de se sentir superior; Chinita exalta a cultura estadunidense influenciada principalmente pelo cinema hollywoodiano e reproduz em seu cotidiano as cenas dos filmes, com o objetivo de se igualar àquele padrão de vida; Leitão Leiria lê biografias de grandes estadistas europeus e procura agir igual aos magnatas estadunidenses que lê em revistas. Essa veneração pela cultura europeia e norte-americana é um reflexo do processo colonial e racista que constituiu a nação brasileira.

O território se constitui, portanto, por meio dessas relações horizontais de proximidade, mas também por relações verticais, compondo esse complexo e dinâmico campo de forças de poder relacionadas. Para aprofundar um pouco a complexidades

dessas relações no cotidiano, propomos recortes por grupos sociais, para pensarmos um pouco sobre as territorialidades, sobretudo na Porto Alegre do início do século XX, para exemplificar esse jogo de poder do cotidiano, se valendo de algumas situações presentes na obra de Erico:

- Recorte de Classe: o principal tema abordado pelos acontecimentos da obra. Os sujeitos estão permeados por relações de poder entre classes econômicas, onde a classe burguesa possui poder de vida muito maior que as personagens da classe pobre e a crítica do autor se justifica na caricatura desses personagens, em que os ricos possuem atitudes desumanas, de ostentação e desperdício, moralmente condenáveis, enquanto que as personagens das classes pobres, apesar de toda a opressão sofrida pelo contexto econômico, mantém sua humanidade e são escritas de uma maneira que nutrimos mais empatia;
- Recorte de raça<sup>9</sup>: a diferença de poder nas relações raciais é eminente e percebemos isso só no fato de que pessoas brancas não possuem sua raça marcadas, ou seja, são tratadas como universais, a normalidade. Enquanto as pessoas negras têm sua racialidade marcada. Outro exemplo fica na posição que as pessoas negras ocupam na sociedade da época, sendo retratadas como “criadas”<sup>10</sup> das pessoas ricas. O autor também manifesta crítica dessa relação desigual de poder na perspectiva da raça quando cita o jazz e o blues que tocam na festa da elite porto-alegrense:

Um ritmo que nasceu na África, gemeu nos porões dos navios negreiros, e se repetiu depois — saudade misturada com a tristeza do cativo — sob os céus da América, nas plantações, sendo mais tarde estilizado por músicos de uma outra raça sofredora e sem pátria — agora está arrastando os pares que dançam no salão do Metrôpole. (VERISSIMO, 1982, p. 95)

Enxergamos a passagem como uma metáfora do sofrimento negro sendo utilizado para o bem-estar da elite branca. Importante ressaltar que o trecho também faz referência a “outra raça sofredora e sem pátria”, que interpretamos como o povo Judeu. Remetemos essa frase à discriminação com o povo de tal origem e com a diáspora judaica, em um período histórico anterior à criação do Estado de Israel.

<sup>9</sup> Consideramos raça um conceito social e não biológico.

<sup>10</sup> Termo utilizado por Erico para definir o trabalho doméstico realizado pelas personagens pretas para as famílias ricas. Provavelmente era como eram chamadas na época.

Outra passagem bastante marcante na temática da raça é o modo como são tratadas as pessoas pretas que trabalham para as famílias ricas:

Virgínia tem ímpetos de jogar o frasco de perfume na cabeça de Noca, quando a rapariguinha lhe vem anunciar com voz fanhosa:

— ‘O chã tã pranto’...

Fica parada ali na porta, a cara idiota, a cabeça minúscula de passarinho no alto do pescoço descarnado e comprido: uma pêra na ponta de uma vara. E aquele esgar canino, aquela máscara de palhaço cretino, aqueles olhinhos espantados.... Não: a gente tem vontade de jogar urna coisa na cabeça dela... Virgínia fuzila para a criada um olhar colérico.

Outra vez a voz fanhosa:

— ‘Estã pranto o chã, D. Virgínia’.

Ê demais. Nem uma santa agüenta.

— Já ouvi! — berra. — Já ouvi! Não sou surda.

O sorriso canino persiste, deixando visíveis os dentes amarelados, pontiagudos e minúsculos. E é bem um olhar de cão surrado — um olhar de simpatia e fidelidade medrosa que a rapariga lança para a patroa quando esta passa por ela.

A patroa surra na gente, mas a patroa é boa, dá dinheiro, dá vestido bonito. D. Virgínia grita com a gente — mas depois dá risada pra gente. (VERISSIMO, 1982, p. 69)

Neste trecho, Erico procura enfatizar a relação desigual de raça como consequência da escravização, que foi o modelo de mão de obra que construiu o Brasil. Neste trecho, apesar de se passar quase 50 anos depois da abolição da escravidão, há uma relação de superioridade por parte da mulher branca e rica para àquela que a serve — a “criada” Noca. Virgínia sente desprezo por ela e a relação de poder é tão desigual, que Noca releva isso, por conta das vantagens que as vezes consegue por trabalhar para Virgínia, como dinheiro, vestidos e risadas.

- Recorte de gênero e sexualidade: a relação desigual entre homens e mulheres é marcante em vários sentidos: seja pelo fato de nenhuma ser citada em um cargo de poder; pela retaliação que sofre Vera pela própria mãe, por estar lendo um livro com a temática sexual; pela diferença entre as responsabilidades domésticas dos irmãos Fernanda e Pedrinho, em que Fernanda ficava com todo o trabalho, inclusive tendo que servir o irmão. Mas a passagem que foi mais marcante na desigualdade de poder entre os gêneros, é narrada quando Nannete tenta alugar um apartamento:

No terceiro andar do Edifício Colombo, no apartamento número 9, vê-se pregada à porta uma pequena placa esmaltada com estes dizeres:

MLLE NANETTE THIBAUT.  
MANICURE.

O subtítulo manicure é para tranquilizar o Mascarenhas encarregado do edifício. Uma “mademoazela” sem profissão que mora em apartamento não pode ser boa coisa... As famílias podiam reclamar. O homem relutou em alugar o apartamento para a mulher loura e pintada. Ela gostou dos alojamentos. Custavam 600\$000 por mês? Pois ela pagava 700\$000, contanto que lhe dessem o contrato. A casa era nova, confortável, os elevadores funcionavam bem, o ponto era central, o apartamento tinha o número de peças que lhe convinha. Mas Mascarenhas hesitava (VERISSIMO, 1982, p. 144)

O fato do administrador de um edifício resistir a alugar um apartamento a uma mulher diz muito sobre a relação de gênero da época. A desculpa de que ela não teria emprego seria algo inaceitável, contrasta com o vizinho do andar superior do prédio, Salustiano. O *bon vivant* e galanteador não possui trabalho e é sustentado pela mãe, mas não encontrou nenhuma dificuldade para alugar o apartamento, enquanto Nanette só conseguiu alugar, por se fazer de manicura, pagar mais e principalmente pela intervenção do Coronel Pedrosa, que é seu amante e um dos interessados em que Nanette resida sozinha em um apartamento.

Outro exemplo fica na definição do papel da mulher para dona Dodó, quando ela responde à uma entrevista em sua homenagem que sairá no Jornal:

Que pensa da missão da mulher no mundo moderno? A resposta brota logo. Como é bom a gente ter um Anjo inteligente!

— A missão da mulher é no lar. Educar os filhos, dirigir a casa, adorar o Senhor e o esposo legítimo. ” (VERISSIMO, 1993, p. 200)

Temos então a partir da Literatura, uma noção de como a sociedade da época pensava o lugar da mulher e seu poder nas relações sociais. Pensando em outro trabalho que fiz, analisando a cidade de Porto Alegre – também na década de 1930 – através de uma obra de literatura (MORAIS, 2020), temos essa relação de desigualdade também explicitada. Os Ratos, obra de Dyonélio Machado, se passa muito mais na rua, devido ao percurso feito por Naziazeno (personagem principal) pelo centro de Porto Alegre. Por esse motivo, são muito poucas as referências à personagens femininas. Essas são citadas em ambientes domésticos, destacando a desigualdade da territorialização feminina e masculina no espaço urbano público. Já a obra de Erico, por adentrar mais nos limites domésticos, traz muito mais referências às personagens femininas (também por ser uma característica de sua literatura), relatando aí a relação desigual de gênero.



A referência à sexualidade feminina ocorre apenas em uma das relações, representada pelo desejo que Vera nutre por Chinita, na passagem onde elas estão a organizar o palacete da família do Coronel Pedrosa, para a festa:

No quarto, Chinita senta-se na cama, corada do esforço que acaba de fazer. A sua pele morena é um contraste com o pijama escuro. Os seus seios rijos sobem e descem como que querendo furar a seda. Vera senta-se também na cama e contempla a amiga longamente, pensando coisas... Chinita não sabe a força que possui, com estes olhos, este corpo... Pena é que não tenha compostura: muito intempestiva, meio selvagem, demasiadamente preocupada com artistas de cinema. Diz asneira com facilidade, faz criancices. No entanto é tão atraente, tão apetitosa, tão...

— Estou sem coragem... — murmura Chinita. Mas Vera nem a escuta. Está a olhar para a outra com paixão, a olhar fixamente para os lábios dela, tentando espantar, afugentar um desejo que aos poucos se vai avolumando. Mas o desejo é uma onda que lhe sobe no peito, com uma força inexplicável. Estes lábios... De repente Vera segura com ambas as mãos a cabeça de Chinita e começa a beijar-lhe a boca com fúria. Perdendo o equilíbrio ambas tombam sobre a cama. Vera continua a beijar a amiga incessantemente, numa violência desesperada. Chinita sacode os braços, quase num abandono, surpreendida e ao mesmo tempo deliciada. Primeiro ri e pronuncia palavras que Vera lhe corta com beijos:

— Lou...quina! Cre...do! E depois se abandona toda às carícias da amiga, fecha os olhos e imagina que Vera é Salu.

Batem na porta. As amigas se separam, rápidas (VERISSIMO, 1982, p. 166-167).

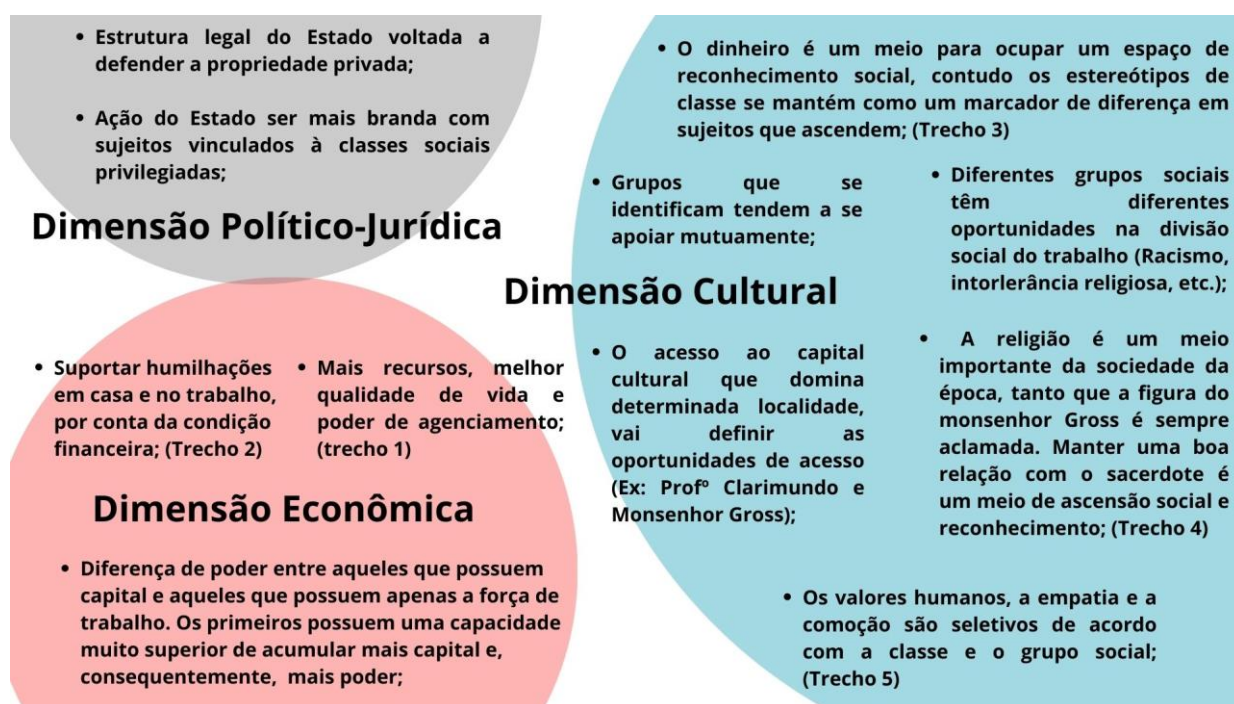
Pensando nas referências sobre o papel da mulher na época e na presença forte do cristianismo, é um tanto revolucionário Erico abordar o tema da homossexualidade. Pensando na perspectiva do poder, podemos supor o quanto não sofriam as pessoas por reprimirem esses sentimentos que são naturais.

De acordo com a ideia de territorialidade e sobre como ela está implícita no espaço através do poder e de como essas relações de poder se especializam através do território, podemos pensar que cada sujeito perpassa uma série de recortes de relações de poder (recortes de classe, raça, gênero, sexualidade etc.) e essas relações se sobrepõem, fazendo com que, dependendo dos recortes em que a pessoa se encaixe, ocorra uma sucessão de opressões. Como referência, podemos lembrar do conceito de interseccionalidade elaborado por Kimberlé Crenshaw (2002), onde a mulher negra teria que carregar a maior carga de opressão, somando os recortes de raça, de gênero e de classe. Considerando a história escrita por Erico, constatamos essa relação, estando as mulheres negras citadas na história ocupando a posição de criadas das famílias brancas ricas, como no caso da tia Angélica, mulher negra que trabalhava para a família de

Honorato e criou Noel, o único filho de Honorato e Virgínia. Tamanha era a responsabilidade de Tia Angélica, que Noel acabou criando um laço maternal com ela e não com Virgínia.

Como produto deste trabalho, propomos então uma forma de análise capaz de observar como funcionava a dinâmica de poder entre os recortes sociais no espaço de Porto Alegre do início do século XX. E para isso, cruzamos em forma de matriz cada um dos recortes sociais (classe, gênero e raça) com as dimensões do território, a partir de elementos encontrados na narrativa. O resultado foi dividido em mapas mentais por recorte social, pontuando os elementos destacados (figuras 5, 6 e 7). Em sequência aos mapas mentais, seguem quadros com trechos onde estão explicitados alguns dos apontamentos (quadros 2, 3 e 4).

Figura 5 – Mapa mental com elementos destacados referentes ao recorte de classe da obra *Caminhos cruzados*.



(MORAIS, 2023)

Quadro 2 – Quadro com trechos referentes ao recorte de classe

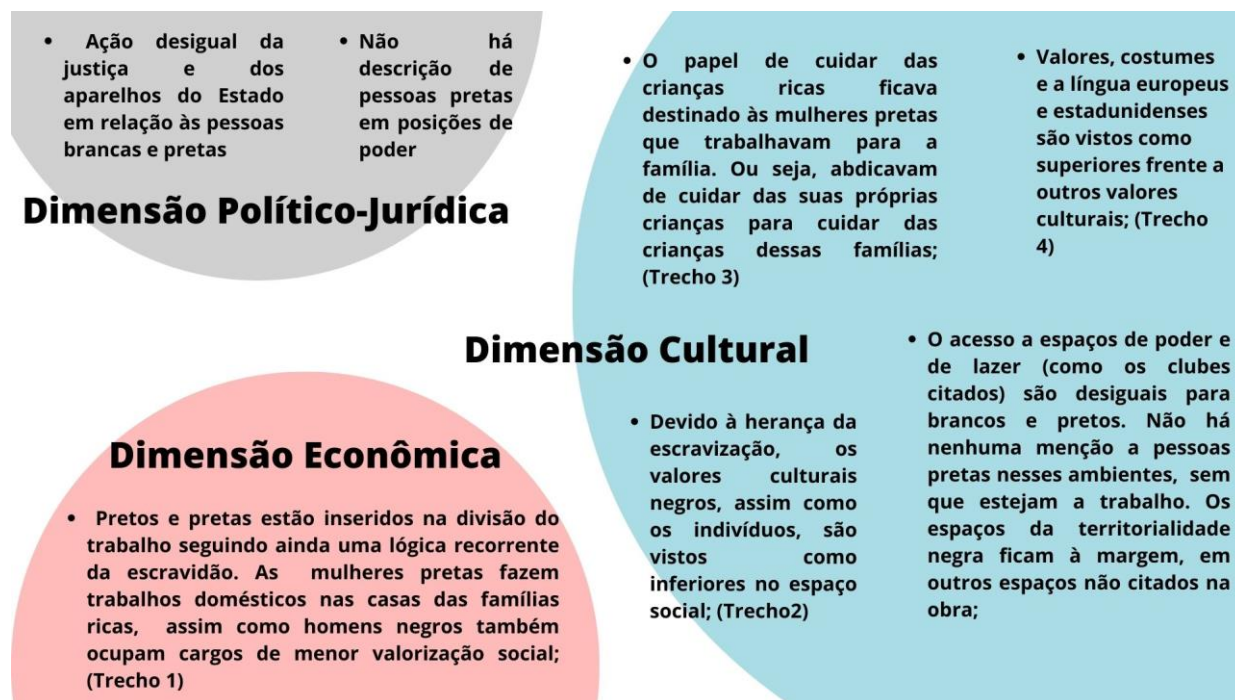
<b>Trechos relacionado ao Recorte de Classe</b>	
<b>Dimensão Econômica</b>	<p><b>Trecho 1:</b> “Para uns tanto, para outros, nada.” (VERISSIMO, 1982, p.85), diz o desempregado João Benévolo, em referência à mesa com pouca comida;</p> <p><b>Trecho 2:</b> João Benévolo suporta as visitas constantes de Ponciano (que deseja sua esposa), pois Ponciano possui melhor condição financeira e pode ajudá-los em uma situação de maior dificuldade: “Sempre é bom ter um amigo a quem recorrer. Amigo. Toda esta vergonha por causa da miséria, da falta de emprego...” (VERISSIMO, 1982, p. 87).</p>
<b>Dimensão Cultural</b>	<p><b>Trecho 3:</b> Um exemplo é o caso da família do Coronel Pedrosa, que é de origem humilde, sem uma bagagem cultural e social reconhecidas, mas, por terem ganho uma fortuna através da loteria, são aceitos no meio da elite. Contudo, são vistos como “exóticos”, ou seja, não pertencentes àquela elite:</p> <p>“— Essa gente do Cel. Pedrosa entrou assim de repente na sociedade, não acha? Fala com cuidado, como quem apalpa o terreno. — A senhora quer saber uma coisa? — Virgínia encara firmemente a interlocutora. — Eles têm dinheiro e está tudo acabado. Ninguém pergunta mais nada. — Engraçado... — A outra entorta a cabeça e sorri um largo sorriso que revela as gengivas intumescidas e pálidas. — O fato é que eles estão entrando... — Comigo não. A ressalva de Virgínia é dura e ríspida. — Sim, acredito, mas com os outros. Vão inaugurar na segunda-feira o palacete deles nos Moinhos de Vento.” (VERISSIMO, 1982, p. 106).</p> <p><b>Trecho 4:</b> A figura de monsenhor Gross é usada como uma crítica de Erico à religião católica e a sua naturalização das desigualdades sociais ; [D. Dodó questiona:] “— Às vezes a gente não compreende por que é que há ricos e pobres. Por que será Monsenhor? Volta-se para ele como para um oráculo que deve dizer a última palavra. Monsenhor encolhe os ombros: intimamente só sabe que o peru está delicioso e o vinho é velho e generoso. Leitão Leiria socorre o hóspede de honra: — Existem pobres porque Deus, na sua infinita sabedoria, quis experimentar os homens. Deu dinheiro aos ricos para ver se eles no meio da opulência não esquecem os desgraçados. Deu miséria aos pobres para ver se eles na sua desolação sabem guardar os seus santos mandamentos. Aí está.” (VERISSIMO, 1982, p. 237).</p> <p><b>Trecho 5:</b> Os valores humanos, a empatia e a comoção são seletivos de acordo com a classe ou os grupos sociais. Fica explícita essa seletividade em um diálogo do rico Noel, com Fernanda: “— Quando fico a pensar em certas coisas chego a ter medo do mistério da vida e das criaturas... Em 1923, quando eu estava ainda no ginásio lendo <i>As Mil e Uma Noites</i> nas horas de folga, Katherine Mansfield morria num retiro na França... Pensa bem nisso, Fernanda, é de assustar...O rosto de Noel tem uma expressão de ânsia. Fernanda não vê nenhum motivo de susto. Ele continua: — Dez anos depois é que Katherine passou a existir para mim.... Uma revelação tão boa, tão harmoniosa, que me deixou aniquilado. Agora ela existe para mim, existe mesmo, está viva... E a idéia de que o seu corpo hoje está debaixo da terra em decomposição... me é quase insuportável. Pausa. A menina loura de maiô vermelho sai de dentro d’água, rebrilhante como um peixe, e deita a correr pela areia. — Pode ser uma tolice — continua ele — mas tudo isso me comove... Fernanda sacode a cabeça, com o sorriso do mais velho que perdoa a travessura da criança. — No entanto não tens olhos nem piedade para as desgraças atuais, para as que estão perto de ti no tempo e no espaço...” (VERISSIMO, 1982, p.134). A morte de Katherine Mansfield foi por tuberculose, mesma doença do pobre Maximiliano.</p>

(MORAIS, 2023)

A ideia de cruzar a compreensão da interseccionalidade com as múltiplas dimensões do território se apresenta como uma possibilidade de aprofundar o olhar e

captar elementos que muitas vezes passam despercebidos nas narrativas, seja elas literárias ou não. Procurando dissecar um pouco mais as relações de poder a partir do recorte de classe, entendemos como central as relações de produção e a divisão do trabalho, diretamente associadas com o acesso a recursos e a valorização social decorrentes dessas relações. Entre os destaques, pontuamos a estrutura política e jurídica privilegiava os interesses da classe dominante; a dimensão econômica se apresenta como uma manutenção e ampliação da divisão de classes, onde a acumulação de capital acentua as desigualdades sociais, estando a divisão social do trabalho como uma configuração que alimenta e é alimentada por essa lógica; em relação à dimensão cultural, destacamos os elementos culturais valorizados por essa elite dominante e como o acesso a esses elementos possibilita melhores oportunidades. A Figura 6 e o Quadro 3 ilustram os elementos e os trechos referentes ao recorte de raça:

Figura 6 – Mapa mental com elementos destacados referentes ao recorte de raça da obra *Caminhos cruzados*.



(MORAIS, 2023)

Quadro 3 – Quadro com trechos referentes ao recorte de raça.

<b>Trechos relacionados ao Recorte de raça</b>	
<b>Dimensão Econômica</b>	<b>Trecho 1:</b> [Professor Clarimundo está a caminho da casa de Chinita para lhe dar aula particular]” <b>Clarimundo caminha pela alameda de palmeiras. Lá no fundo está a casa. Um jardineiro preto segura a mangueira e despeja um jorro d’água contra os canteiros de relva. Que parque enorme! ”</b> (VERISSIMO, 1982, p.69).
<b>Dimensão Cultural</b>	<p><b>Trecho 2:</b> “Virgínia tem ímpetos de jogar o frasco de perfume na cabeça de Noca, quando a rapariguinha lhe vem anunciar com voz fanhosa: — O chá tã pranto... Fica parada ali na porta, a cara idiota, a cabeça minúscula de passarinho no alto do pescoço descarnado e comprido: uma pêra na ponta de uma vara. E aquele esgar canino, aquela máscara de palhaço cretino, aqueles olhinhos espantados... Não: a gente tem vontade de jogar uma coisa na cabeça dela... Virgínia fuzila para a criada um olhar colérico. Outra vez a voz fanhosa: — Está pranto o chá, D. Virgínia. É demais. Nem uma santa agüenta. — Já ouvi! — berra. — Já ouvi! Não sou surda” (VERISSIMO, 1982, p. 152).</p> <p><b>Trecho 3:</b> “Durante duas casas durou o reinado despótico da preta Angélica. Virgínia tinha horror às responsabilidades de mãe de família. Foi por isso que não se opôs a que a velha tomasse conta de tudo. Era uma preta enérgica e autoritária, neta de escravos do avô de Honorato. Nos primeiros meses do casamento, preocupada com festas, vestidos e relações, Virgínia esqueceu a casa. Tia Angélica firmou então o seu governo. Desde madrugada andava de pé dum lado para outro, dando ordens para a criadagem. Era ela quem determinava tudo, quem cuidava da conta do armazém, das roupas do casal, do jardim. Quando Noel nasceu, tia Angélica tomou também conta dele. Não se f azia nada sem consultar a rainha preta” (VERISSIMO, 1982, p. 120-121).</p> <p><b>Trecho 4:</b> “Teotônio Leitão Leiria desce de seu Chrysler no portão do Country Club. Está de boné cinzento, suéter bege com malhas marrom, knickerbockers havana e meias escocesas negras. Traz às costas a sua aljava com os tacos. É um perfeito jogador de golfe. Não f alta nada, tem tudo, até o espírito anglo-saxônico. — (Ele pensa com satisfação que, com sua cara vermelha, pode passar por inglês ou norteamericano)” (VERISSIMO, 1982, p. 131-132).</p>

(MORAIS, 2023)

Em relação ao recorte de raça, destacamos a herança do processo colonial baseado na escravização de pessoas. Apesar da obra se passar já no início do século XX, as relações de superioridade por parte da elite em relação às pessoas pretas, não mudou na narrativa, ainda que tenha havido a abolição. Em relação à dimensão econômica, a divisão social do trabalho se mantém com os trabalhos mais árduos e menos valorizados sendo realizados pelas pessoas pretas; como destaque da dimensão jurídico-política, não há na narrativa a presença de pessoas pretas em posições de poder; em relação à dimensão cultural, destacamos a posição de superioridade que a elite se coloca em relação às pessoas pretas, como no caso do trecho 2 do quadro 3, no ódio gerado em Virgínia pela presença e modo de falar da “criada”. Aqui achamos pertinente a conexão com o conceito de preconceito linguístico (BAGNO, 2002) e como está associado a camadas sociais e determinadas regiões do Brasil, indicando a forma da oralidade como

mais um componente da consciência e ideologia geográfica. É importante destacarmos a compreensão da diversidade da língua falada no Brasil, diversidade essa que é reflexo das diferenças geográficas, históricas e sociais que compõem a população brasileira, sobretudo se pensarmos que a linguagem entendida como culta da língua é aquela que apenas uma parte da população tem acesso através dos meios de educação formais. Entendemos ser importante pontuar isso, pois na literatura há esse contraste entre a linguagem de norma culta e a linguagem dita popular. A linguagem popular aparece na narrativa de Erico, restrita às falas das populações humildes. Aparece como um marcador social, principalmente vinculado às passagens do Prof<sup>o</sup> Clarimundo, em que ele se apega a detalhes minuciosos da língua portuguesa, ou como no exemplo citado em que Virgínia se irrita com a “criada” (trecho 2, quadro 3). No restante da escrita a linguagem é formal.

Seguimos com a análise do recorte de gênero, ilustrando os elementos destacados e os trechos na Figura 7 e no Quadro 4:

Figura 7 – Mapa mental com elementos destacados referentes ao recorte de gênero da obra *Caminhos cruzados*.



(MORAIS, 2023)

Quadro 4 – Quadro com trechos referentes ao recorte de gênero.

<b>Trechos relacionado ao Recorte de Gênero e sexualidade</b>	
<b>Dimensão Econômica</b>	<p><b>Trecho 1:</b> Dona Eudóxia, sobre a amizade e os encontros de Fernanda com Noel adverte: “- Moça rica, quando cai na boca do povo não perde nada. Continua indo a baile e no fim acha casamento. — Suspira, toma uma colherada de canja. — Mas moça pobre (sua voz aqui ganha a consistência pastosa da canja) quando é falada, fica o mesmo que mulher à-toa...” (VERISSIMO, 1982, p.128).</p> <p><b>Trecho 2:</b> “— Êta potranca linda! (...)Potranca linda é um elogio. Bonita como um ca’alo puro-sangue! — outro cumprimento. Nanette entende vagamente o significado destas palavras. Mas de uma coisa ela tem certeza: é de que este homem rude que fuma cigarros malcheirantes, que tem maneiras toscas, a tirou duma pensão barata, deu-lhe bons vestidos, dinheiro e por fim este apartamento confortável. Não se deve ser sentimental — pensa ela. — C’est de la bêtise! Mas ele é bom: não exige muito. Às vezes se contenta com o título de amante da “mademozela” Nanette Thibault. (E o trocadilho impossível que o coronel, com o seu humorismo ingênuo, faz de “Thibault” e “tambor”? Oh! Ela tem de agüentar os trocadilhos, como os cigarros de palha, por amor do conforto, por amor de seu bem-estar.)” (VERISSIMO, 1982, p.145).</p>
<b>Dimensão Cultural</b>	<p><b>Trecho 3:</b> “Em obediência à bula, Virgínia toma uma pérola. Senta-se na frente do espelho e se encontra de repente diante da sua verdadeira personalidade: Virgínia Matos Madeira, de quarenta e cinco anos, um resto muito pálido de beleza no rosto, princípios de rugas e de duplo-queixo, alguns fios de cabelos brancos a aparecerem malvados, iludindo a vigilância das tinturas. Não é a Virgínia que ela sente ser sempre que está longe dos espelhos. Porque no fundo ela permanece a mesma rapariga de vinte anos que chamava a atenção nos bailes, “que vendia caro os seus olhares”, que rejeitava namorados, sendo o orgulho da sua mãe e da sua rua. Os anos passaram, Noel nasceu, cresceu, formou-se, Honorato engordou, ganhou dinheiro e perdeu o cabelo, a família mudou três vezes de casa....” (VERISSIMO, 1982, p.120)</p> <p><b>Trecho 4:</b> Mas Vera nem a escuta. Está a olhar para a outra com paixão, a olhar fixamente para os lábios dela, tentando espantar, afugentar um desejo que aos poucos se vai avolumando. Mas o desejo é uma onda que lhe sobe no peito, com uma força inexplicável. Estes lábios... De repente Vera segura com ambas as mãos a cabeça de Chinita e começa a beijar-lhe a boca com fúria. Perdendo o equilíbrio ambas tombam sobre a cama. Vera continua a beijar a amiga incessantemente, numa violência desesperada. Chinita sacode os braços, quase num abandono, surpreendida e ao mesmo tempo deliciada. Primeiro ri e pronuncia palavras que Vera lhe corta com beijos: — Lou...quinha! Cre...do! E depois se abandona toda às carícias da amiga, fecha os olhos e imagina que Vera é Salu. Batem na porta. As amigas se separam, rápidas...” (VERISSIMO, 1982, p.167)</p> <p><b>Trecho 5:</b> Como se dançassem, colados um ao outro, os dois deslizam tremulamente para o canteiro. Salu conduz a rapariga, manso. Mas quando pisam na relva, a suavidade se transforma em fúria. Salu tomba Chinita, que deixa escapar um grito sem vontade: — Não! Mas ele continua. Ela sente contra as costas nuas a aspereza fresca da relva. Vai dizer novamente não, mas os lábios de Salu lhe esmagam na boca a negação fraca. Chinita se entrega. Por uma falha na folhagem do arvoredado ela vê duma maneira quase inconsciente uma nesga do céu onde brilha uma estrelinha. De braços inertes, Chinita está num abandono absoluto. A cabeça de Salu cresce diante de seus olhos e, interpondo-se entre eles e o pedaço de céu, esconde a estrelinha cintilante. (VERISSIMO, 1982, p. 183)</p> <p><b>Trecho 6:</b> Os olhos de Chinita se fixam no rosto de Salu e estão perguntando: “E agora que vai ser de mim? ” Inclinando-se bem para a frente como se fosse beijá-la, ele pergunta com voz macia: — Arrepentida? Por um instante Chinita fica indecisa. Não esperava que ele tocasse no assunto assim desta maneira... podia começar com rodeios. Arrepentida? Ela sacode a cabeça, fazendo que não. Mas intimamente não sabe realmente o que sente. Aquilo tudo foi tão ligeiro, tão violento, tão doloroso, tão inesperado... (VERISSIMO, 1982, p. 213)</p>



Sobre os destaques referentes ao recorte de gênero, chamamos a atenção para a superioridade dos homens em relação às mulheres em todas as dimensões. No âmbito jurídico-político, destacamos a estrutura de leis como um reflexo dos interesses patriarcais, um exemplo é o sistema eleitoral brasileiro, que só permitiu a possibilidade de votação por parte das mulheres apenas na década de 1930, mesmo período em que é escrita a obra. Também destacamos a não citação de mulheres em cargos políticos. Com relação à dimensão econômica, destacamos a divisão social do trabalho, em que as mulheres se ocupam das tarefas de casa e de cuidado dos filhos e os homens vinculados a empregos formais de trabalho. É importante pontuar como a diferença de classe e raça influencia nessa divisão do trabalho, em que as mulheres ricas são retratadas em funções de socialização apenas. Já as mulheres de classe média e pobres, além das demandas de casa e da família, também trabalham fora, seja em serviços domésticos para famílias ricas ou em cargos de baixa valorização, como no caso de Fernanda, que apesar de possuir qualificação profissional – e até diploma – não consegue uma oportunidade melhor do que ser secretária de Leitão Leiria.

Comparando os mapas mentais, é interessante perceber que a dimensão cultural foi a que condensou uma maior quantidade de apontamentos em todos os recortes, provavelmente pela complexidade de relações que essa dimensão contempla. É importante ressaltar também que todas as dimensões são interligadas, não podendo analisar uma sem considerarmos as outras.

A maneira como Erico desenha os personagens é bem interessante, pois ele exagera algumas características para construir a sua crítica e é por isso que enxergamos as pessoas mais ricas com traços desumanos destacados, enquanto no núcleo pobre os traços que são exaltados são justamente o oposto ao do núcleo rico: traços humanos que permitem com que nos identifiquemos com esses personagens. Podemos resumir da seguinte maneira: os problemas que envolvem o núcleo pobre são decorrentes da desigualdade material e social; já os problemas que envolvem o núcleo rico são de natureza moral, onde a ostentação está ligada à vaidade, ao egocentrismo e na reprodução da hierarquização social, em que pessoas são superiores a outras.

A descrição do cotidiano é uma característica central da obra, já que o seu romance não se preocupa em retratar a história de uma única família ou de um núcleo que vai se sobressair em relação aos outros. O modo como o autor estrutura texto em capítulos pequenos, onde cada capítulo vai estar centrado em uma personagem diferente,



faz com que o núcleo da história não seja uma personagem, mas o cotidiano que envolve a relação entre uma série de personagens. São histórias paralelas que em algum momento se cruzam, algo semelhante a nossa própria vida, se refletirmos sobre a quantidade de pessoas que já cruzaram pelo nosso caminho. São diversas histórias de personagens paralelos, narradas em um período de 5 dias e que não respeitam uma lógica de início, meio e fim. São simplesmente 5 dias na vida de uma série de pessoas acontecendo no mesmo espaço e tempo: a cidade de Porto Alegre do início do século XX.

A ênfase da abordagem de Erico se dá na desigualdade de poder entre classes, entretanto, a partir da narrativa, enxergamos também as desigualdades de gênero e de raça, compondo a complexidade do cotidiano da época. Como a escrita é apenas um recorte desse cotidiano, as territorialidades dos grupos sociais com menos poder, acabam ficando suprimidas em relação às territorialidades do grupo dominante, o que é importante salientar aqui. O fato dessas territorialidades não aparecerem na obra, não significa que elas não existiam, apenas que acabavam ficando à margem do que seria o espaço público formal e dominado pela elite de caráter branco, masculino e rico. Inclusive, o fato da ausência dessas territorialidades diz muito sobre a sociedade da época. Especialmente falando, os espaços de melhor valorização social acabavam restritos a um grupo social. Ao falar mais desse grupo dominante, Erico procurou destacar as incoerências e falhas morais desse grupo restrito, que acumula recurso e poder além do necessário, restringindo o acesso ao mínimo de direitos e recursos a outros grupos sociais, caracterizando a sua obra como uma crítica a esse modo de organização social desigual, da capital gaúcha. Vale destacar a pauta que a pauta de gênero acaba se destacando um pouco mais do que a pauta de raça e entendemos que essa diferença se dá em razão às pautas sociais do próprio período histórico, em que observamos uma efervescência nas discussões sobre os direitos das mulheres.

#### 4.2 Crônica: *Mas em que mundo tu vive?*

O terceiro livro de Falero traz um apanhado de crônicas escritas por ele, algumas vinculadas à revista digital Parêntese – Matinal Jornalismo<sup>11</sup>. São 58 crônicas divididas em 4 partes intituladas 1. Assalariados; 2. Em construção; 3. Branco é a vó; 4. Entre as tripas e a razão. Para sintetizar a obra, optamos por citar o texto presente na contracapa, escrito pelo próprio autor:

Sou um negro de pele clara, e teria o maior prazer em explicar por que me defino assim não fosse o fato de que, na verdade, me cansei de explicar isso e não já não tenho mais prazer nenhum em fazê-lo. O que importa é que acredito ter alguma consciência racial, ainda que desenvolvida tardiamente: foi só depois dos trinta anos que comecei a me livrar um pouco do senso comum e pude refletir sobre a minha própria essência de maneira mais escura. E, desde então, procuro me manter nesse movimento constante de conhecer e reconhecer cada vez mais minha negritude.

Tomar consciência de si próprio como negro é um acontecimento ruidoso, porque faz uma porção de fichas acumuladas caírem de uma hora para outra. Compreende-se por fim, toda uma série de eventos da vida pregressa para os quais não tinha sido possível encontrar explicação razoável. (FALERO, 2021, contracapa).

Os temas são variados, perpassando desde reflexões filosóficas sobre o amor, a fé e a existência humana, até as críticas ao modo de organização da sociedade brasileira – estruturada na brutal desigualdade de classe, de raça e de gênero.

##### 5.2.1 Crônica: *Mas em que mundo tu vive?*

A crônica que abre o livro inicia no diálogo entre um rapaz que está desempregado e seu primo: o primeiro querendo saber o motivo do outro ter saído de uma vaga de emprego em uma obra, para qual agora este foi convidado a trabalhar e que deseja ocupar devido sua atual condição financeira. Contudo, antes de aceitar foi conversar com o primo para estar a par das motivações de ele ter saído, com o objetivo de se precaver a alguma enrascada. A justificativa do primo é de que era a “maior bomba!”.

---

<sup>11</sup>< <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/> >.

Contou que o estopim para sua saída foi o responsável pela obra em que estava trabalhando, o “alemão”, mandar ele e mais um trabalhador – de nome Michel – destruir um casarão apenas com martelos. O primo comenta:

- Tamo lá, eu e o Michel tirando só lasca dos tijolos maciço com aquelas porra daqueles martelinhos, fritando no olho do sol, lavado de suor, daí me chega aquele filho da puta daquele alemão e fica só na volta só olhando, que nem um peru. Nós louco de fome, louco de sede, louco de cansado, louco de tudo, e ele ali na volta, bem belo, com um caldo de cana bem gelado numa mão e um pastel bem quentinho na outra, e nós só sentindo o cheiro. (FALERO, 2021, p. 15-16)

Aqui o autor já dá o tom da temática central da crônica que abre a parte 1, denominada *Assalariados*. A crítica está na relação de exploração da classe trabalhadora de maneira desumana, sobretudo em determinados nichos de trabalho ligados à população de menor nível educacional, trabalhos de maior esforço braçal, que na formação brasileira eram realizados por pessoas escravizadas, fazendo com que hoje carreguem a marca de serem postos de trabalho de menor valorização social. O primo segue contando que depois de um dia de trabalho em que eles passaram martelando o casarão - mas sem conseguir avançar muito, já que não contavam com marretas, que seria a ferramenta mais indicada para esse caso – quando foi justificar ao alemão e dizer que terminariam em mais três ou quatro dias, o mesmo, com tranquilidade fala: “Não não, tudo bem, tudo bem, nem esquenta, nem esquenta. Amanhã vem a retroescavadeira e derruba isso aí num minuto. Eu só pedi pra vocês irem derrubando pra não ficar sem fazer nada o dia inteiro hoje” (FALERO, 2021, p. 16). O primo conta que ficou tão indignado que não voltou no dia seguinte.

Acontece que o personagem principal ficou com um pé atrás, já que o primo tinha um histórico de mudanças de emprego. Então, apesar da história, foi mesmo assim pagar para ver. No dia seguinte foi junto de Michel para o trabalho e ele confirmou a bomba que era trabalhar para o “alemão” e relembra o diálogo do primo com o “alemão”, quando soube que no dia seguinte iria uma retroescavadeira:

- Essa foi a gota d’água pro teu primo. Porra, tu tinha que ver que engraçado que foi os dois discutindo! O teu primo bufando: “Mas que loucura é essa? Se a máquina vai derrubar o bagulho, passei o dia martelando essa porra para quê? Sou palhaço por acaso?”. E o alemão, com aquela voz anasalada dele: “Vem cá, tchê, mas em que mundo tu vive? Vocês já tavam aqui, eu ia ser obrigado a pagar o dia de vocês de qualquer jeito, e não tinha outra coisa pra fazer. Tu achou que eu ia te pagar pra passar o dia sentado, é?” (FALERO, 2021, p. 17 -18).

Falero destaca o jeito de falar como um marcador territorial, relacionando esse “porto-alegrês” aos “brancos endinheirados da cidade” (FALERO, 2021, p. 18). Chegaram ao terreno e o personagem principal já se depara com outro ato de desumanidade do “alemão”: o casarão que havia sido demolido estava sendo ocupado por moradores sem teto e foi dada a ordem para que estes levassem todos os seus pertences quando saíssem. Contudo, muitas coisas ficaram para trás e o “alemão”, “que estava seguindo ordens”, impediu a retirada das coisas que ficaram por esses moradores.

Iniciam o trabalho, debaixo de um sol forte, sem água, pois ainda não haviam ligado a rede de água no terreno. À tarde, ambos morrendo de sede, resolvem pedir um pouco de água para uma vizinha do terreno que regava o jardim. Cataram garrafas usadas e foram pedir um pouco de água para a senhora. A mesma, olhando-os de cima abaixo, negou um gole d’água. Eles refizeram o pedido, achando que ela havia entendido errado, mas novamente veio a negativa. Voltando para o terreno em que estavam trabalhando, sem compreender muito bem aquela atitude, Michel, imitando o “alemão” comenta de maneira engraçada: “- Vem cá, tchê, mas em que mundo tu vive? Tu pensa que a água é de graça, é?” (FALERO, 2021 p. 19). Seguiram planejando como obter água. Por sorte, havia um supermercado próximo ao terreno em que estavam e Michel tinha consigo alguns trocados. Lá foram os dois comprar uma garrafa de água. Chegando ao supermercado, os dois foram barrados na entrada do supermercado pelo segurança, que alega que o fato deles estarem sujos, o que constrangeria os outros clientes. Michel, para não perder a piada repete o jeito de falar do “alemão” enquanto voltam para o terreno: “ – Vem cá, tchê, mas em que mundo tu vive? Tu pensa que pode entrar nos lugares assim, parecendo um indigente, é?” (FALERO, 2021, p. 19).

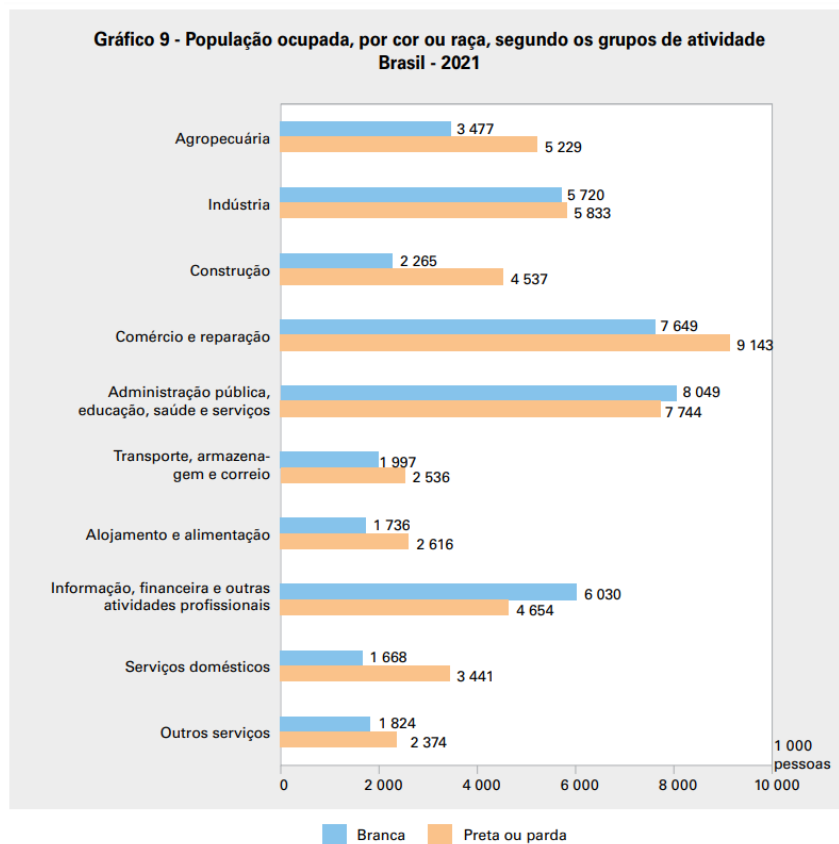
Depois de esperarem uma carreta de sacos de cimento a tarde inteira, ambos estavam já se arrumando para sair: “trocamos de roupa, usamos a saliva e o polegar para remover dos braços uma ou outra sujeira mais grossa e tentamos disfarçar nosso bodum com desodorante ” (FALERO, 2021, p. 20). No fim do expediente chega a carreta trazendo os sacos de cimento, e lá foram eles recolocar as roupas suadas e empoeiradas e descarregar 300 sacos de cimento.

Falero, no final da crônica, deixa explícita uma crítica aos grupos progressistas de Porto Alegre, questionando justamente a surpresa desses grupos com a ascensão do

fascismo na cidade nos últimos anos. Falero deixa evidente que quem está nas camadas mais populares da cidade, enfrenta na pele a desigualdade e a desumanidade no cotidiano e, portanto, não se surpreende com o fato de recentemente essas ideologias fascistas estejam mais evidentes, devido ao contexto mais propício que os fanáticos cooptados por esses pensamentos encontraram para explicar suas ideias.

À luz do conceito de território, podemos compreender facilmente a desigualdade de poder de determinados grupos sociais frente a outros e nessa pequena crônica é possível identificar de maneira mais evidente a desigualdade territorial de cunho econômico, de classe: trabalhadores sendo explorados de maneira desumana, sem a menor empatia, justamente porque são vistos como parte de um grupo diferente, que pode ser explorado. O fato citado dos trabalhadores terem que destruir um casarão com martelos, mesmo que no dia seguinte uma retroescavadeira vá destruir o casarão (a empresa iria gastar o mesmo, com eles quebrando tijolos ou não) só demonstra como há uma consciência de que esses trabalhadores em hipótese nenhuma merecem empatia. É impossível não perguntar: que diferença faria para os cofres da empresa se os dois trabalhadores ficassem sentados? Essa diferença de poder só se legitima devido à desigualdade de renda no país, em que inúmeros trabalhadores precisam se submeter a condições precárias de trabalho para conseguir garantir o mínimo para sua sobrevivência e de sua família. O desemprego e o não acesso à recursos básicos se tornam cúmplices e garantem essa relação desigual. Tendo acesso ao mínimo, quem se sujeitaria a essas situações? Ninguém. Além dessa crítica sistêmica que Falero faz à desigualdade de poder no âmbito da divisão social do trabalho, o autor evidencia a desigualdade sociocultural entre os determinados grupos da população. Não é comentado no texto sobre a etnia dos trabalhadores, mas considerando os dados gerais de quem ocupa esses cargos menos valorizados pela sociedade, encontraremos o padrão de renda baixa e em maioria pessoas negras, como mostra a Figura 8, retirada da Síntese dos Indicadores Sociais de 2022, divulgada pelo IBGE.

Figura 8 – População ocupada, por cor ou raça, segundo os grupos de atividade no Brasil, 2021.



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021.  
Nota: Dados consolidados de quinta visita.

Fonte: (IBGE, 2022, p.23).

Os dados do setor de construção mostram que há o dobro de trabalhadores negros, diferente de quando observamos os setores de administração pública, educação, saúde, serviços, informação, e atividades financeiras. O gráfico sobre a taxa de desocupação, por cor ou raça, presentes nesse mesmo trabalho, indica uma predominância da população negra: 16,3% da população preta ou parda está desocupada, frente à 11,3% da população branca (IBGE, 2022, p.33).

A literatura de Falero, portanto, permite uma melhor compreensão da desigualdade vivida por esses grupos, que parte a maior parte da classe média e da elite, não percebem e ignoram. Também permite com que a população trabalhadora que está inserida nesse contexto, se enxergue e reflita sobre a sua situação e como essa desigualdade é fruto de um problema estrutural e não individual. Sua literatura portanto

tem o potencial de elucidar as contradições, basta nos apropriarmos desses ensinamentos em busca de uma organização social mais justa e humana.

#### 4.3 Crônica: *Uma vitória da tua Gente*

A segunda crônica do livro é narrada em primeira pessoa, onde o personagem mantém um diálogo consigo mesmo. Esse personagem é um sujeito que se encontra no ônibus Bonsucesso<sup>12</sup> – comendo a pipoca doce que comprou “baratinho na mão dum piá que nasceu chorando, como todo mundo, mas não no Moinhos de Vento, e sim num lugar que ensinou ele a parar de chorar bem antes do tempo” (Ibidem, 2021, p. 22) - atravessando o túnel da Conceição, localizado no centro da cidade e ao olhar a janela tem a seguinte reflexão:

Tu sabe: algum cara completamente diferente do teu pai ganhou uma fortuna pra calcular a quantidade exata de aço que aquele bagulho tinha que ter pro vento não acabar derrubando tudo com o passar dos dia, mas foi uma pá de cara idêntico ao teu pai que ganhou um salário de fome pra virar todo o concreto que foi usado ali. Puta obra de engenharia, tu pensa. Mas na real, pra ti que mal e porcamente domina as quatro operação básica da aritmética, até os barraco de pau da invasão lá perto da tua casa já são tudo umas puta obra de engenharia. (Ibidem, 2021, p. 22)

Na primeira parte da crônica, Falero já abre uma brecha para a discussão sobre a divisão social do trabalho em Porto Alegre. Inicialmente, citando o trabalho infantil - de alguém que não nasceu em um dos bairros de maior concentração de privilégios e renda da cidade, e que por tal desigualdade de distribuição dessa renda e privilégios, aprende a encarar problemas da idade adulta antes das crianças das regiões do centro da cidade. Após esse fato, a reflexão do personagem indica a diferença social entre aqueles que ocupam funções mais valorizadas - como a do engenheiro e a do arquiteto - e aqueles que ocupam as funções menos valorizadas, como a dos construtores que colocam a mão na massa e no concreto. A diferença social está demarcada pela aparência com seu pai, não se assemelhando aos tipos comuns à profissão de engenheiro ou de arquiteto e sim, assemelhando-se ao estereótipo daqueles que botam a mão na massa e no concreto. Retomando o quadro presente na Figura 8, podemos ver que na atividade de construção civil, há aproximadamente o dobro de pessoas pretas ao de pessoas brancas.

---

<sup>12</sup> Linha que vai da Lomba do Pinheiro ao centro de Porto Alegre.

O personagem segue “viajando” e chega no ponto central da crônica: a questão dos moradores de rua. Em sua reflexão, ele avalia aquele como um bom viaduto para morar “caso a vida venha a degradingolar” (Ibidem, 2021, p. 22). Comenta que uma das vantagens daquele viaduto seria o fato de as pessoas que ele conhece não passarem muito por ali e conseqüentemente, não teriam motivos para fofocar sobre a sua desgraça. Lembra de dois casos de vizinhos de sua quebrada, que acabaram na rua: um “conhecido pelas bebedeira e pelas confusão” (Ibidem, 2021, p. 23) e que um dia sumiu; outro que não quis assumir um filho e acabou sendo expulso de casa pelo pai. Depois de certo tempo, quando o personagem foi trabalhar como pião de obra na demolição de uma casa abandonada, encontrou esse mesmo vizinho agora na condição de morador daquela casa abandonada que ele ia ajudar destruir. Sobre as causas que fizeram os dois exemplos morarem na rua, o artigo de Palombini (2013) indica que a maioria dos moradores de rua entrevistados em sua pesquisa alegaram problemas com a família como a causa de sua ida para rua. Outra causa bastante recorrente é a de que são moradores de rua desde a juventude, seja por abandono ou por terem perdido os pais, considerando que os abrigos só mantêm pessoas com até 18 anos de idade. Outro ponto destacado na pesquisa é que a maior parte tem origem em famílias desestruturadas e da periferia da cidade.

Relembra também um caso de um senhor que conheceu depois do mesmo já ser morador de rua. Em meio à conversas que tinha com ele, descobriu que havia morado na Lomba do Pinheiro e que, tal como ele, também já havia sido pião de obra no campus do Vale<sup>13</sup>. Mesmo campus que o personagem tinha a intenção de um dia frequentar como estudante de letras. Contudo, a verdade é que considerando a sua rede e o contexto em que vinha, percebia que a sua realidade era mais próxima da dos moradores de rua do que de pessoas formada em letras.

Voltando à crônica e ao personagem, lembrar os exemplos conhecidos lhe causa uma sensação de desespero, gerando uma vontade de chorar instantaneamente, mas lembra que é igual ao menino que vendia pipoca doce e que aprendeu desde cedo como se faz para não chorar. Controlado o desespero, segue imaginando as vantagens daquele viaduto. Pensa que na naquela área central é mais fácil conseguir esmola e “mais difícil um playboy filho da puta querer te pegar dormindo e te espancar ou botar fogo em ti” (Ibidem, 2021 p. 24). Pensa também na inevitável higienização promovida pelo

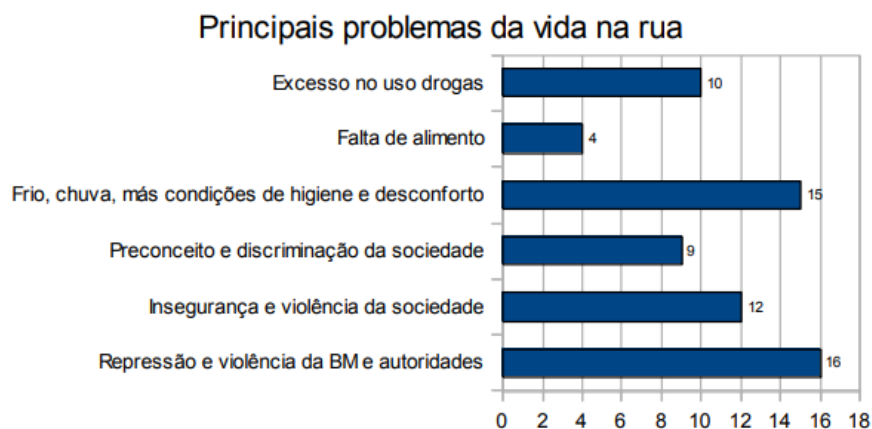
---

<sup>13</sup> Um dos campus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



poder público<sup>14</sup>. A relação com o poder público é também citada na pesquisa de Palombini (2013), que demonstra que entre os principais problemas citados por quem vive na rua, a repressão da Polícia Militar e de autoridades é a mais presente, como aponta o gráfico da imagem 9:

Figura 9 – Gráfico representando os principais problemas em se viver na rua.



Fonte: (PALOMBINI, 2013, p. 15)

Esta repressão da polícia citada por Falero e comprovada com a pesquisa, aponta o preconceito e a discriminação com a população pobre, por parte da sociedade e dos aparatos de controle do Estado. A relação da sociedade e do poder público com as pessoas em situação de rua é algo questionado por Falero durante a crônica, tanto pela naturalização quanto à inércia das pessoas em agir de maneira a alterar esse quadro. O personagem questiona:

Como é que tudo pode ser assim? Tu lembra daquilo que tu pensou, uma vez, sobre um acidente de avião imaginário. Tu imaginou um avião caindo bem o meio do Mercado Público, e tu ficou pensando que ninguém ia passar por ali com indiferença, fingindo que nada de mais tava acontecendo. Ninguém. Todo mundo ia tentar ajudar como pudesse ou, no mínimo, ia parar pra ficar olhando o fogo e a destruição, com espanto e tristeza. E tu acha que tinha que ser justamente esse o comportamento das pessoa por causa da tragédia de existir gente morando na rua. O trânsito devia parar, tinha que chamar toda a polícia, tinha que chamar os bombeiro, tinha que chamar as ambulância tudo, tinha que chamar prefeito, governador, presidente, tinha que pedir ajuda internacional, tinha que acionar a ONU, tinha que arranjar dinheiro, milhões e milhões, o que fosse necessário, tinha que acabar com o problema o mais rápido possível! (Ibidem, 2021, p. 26)

<sup>14</sup> “Tu se pergunta: quanto tempo será que ainda vai levar até a prefeitura chamar os porco e varrer todo mundo dali, como fez na Borges?” (Ibidem, 2021, p. 24)

O personagem utiliza-se de uma analogia interessante para comparar a naturalização das pessoas em relação a determinadas tragédias. Em um incêndio causado por um avião – algo incomum e que coloca instantaneamente a vida das pessoas em risco – gera um sentimento de cooperação em torno da identificação como seres humanos. Por que então a tragédia da falta de moradia – que também resulta em sérios problemas a seres humanos – é ignorada pela sociedade e pelo poder público?

A realidade é como o próprio personagem diz: “a preocupação com os morador de rua se mede pelo fato de eles continuar a morar na rua” (Ibidem, 2021, p. 26). Ou seja, não há o interesse em mudar aquela realidade para aquela população. Incômodo há e é o que motiva a ação do poder público em retirar aquelas pessoas para algum lugar invisível da cidade. Ou seja, a realidade dos sem-teto não é modificada, é apenas mascarada para o restante da cidade não ter que lidar diariamente com a desumanidade resultante da desigualdade.

O personagem, depois de descer do ônibus, refletindo ainda sobre a proximidade da sua realidade ser maior com moradores de rua do que com acadêmicos, sente uma ponta de esperança e otimismo ao pensar que apesar de tudo há luta. Reconhece que há pessoas que se incomodam e agem para uma mudança dessa realidade. Por fim, chega ao seu destino: a Escola Porto Alegre, onde está prestes a assistir a formatura do Ensino Fundamental de inúmeros alunos em situação de rua e vulnerabilidade social. A felicidade é o sentimento que toma conta de si ao ver a felicidade deles e, consigo mesmo comemora: “É uma vitória da tua gente” (Ibidem, 2021, p. 27).

A crônica traz esse duplo sentimento: o da invisibilidade e da inércia da sociedade em mudar esse cenário de injustiça, em que seres humanos não tem acesso a serviços básicos, como moradia; ao mesmo tempo que no final faz referência à resistência de tais pessoas a seguir lutando para sair da invisibilidade. O ato de estudar e se formar significa que há um cuidado com a sua constituição como ser humano, diferente do estereótipo que muitas vezes é relacionado a pessoas em situação de rua, como desistentes ou desinteressadas.

A crônica de Falero permite reconhecermos de maneira direta a imposição do conceito do território em nosso cotidiano e fomenta alguns questionamentos: quem tem poder e direito à serviços básicos na cidade? Quem tem direito ao sentimento de

humanidade? Quem fica invisível aos olhos da sociedade e do poder público? Entretanto, além de “quem”, cabe também o espaço do porquê. O que faz com que alguns grupos tenham acesso à moradia e outros não? O que faz com que determinados indivíduos possam colecionar imóveis e garantir a sua sobrevivência com a locação dos mesmos sem necessitar inclusive trabalhar para garantir o próprio sustento, num processo de acumulação crescente que aumenta seu poder aquisitivo, enquanto na base da pirâmide social, pessoas não têm acesso a pelo menos um imóvel para conseguir se abrigar e organizar o mínimo de conforto para sua sobrevivência na cidade?

Essa conformação do território em que apenas alguns grupos têm acesso a determinados privilégios é uma das faces, contudo, é importante ressaltar a face citada no final da crônica: a face da contraposição, da resistência ao *status quo*, que tem como estrutura a propriedade privada dos meios de produção e a mercantilização dos espaços urbanos. Palombini (2013) chama a atenção para os moradores de rua como seres ativos no espaço, “inserido no espaço urbano como subproduto do sistema e como contradição a ele (PALOMBINI, 2013, p.19). Aqui vale a lembrança à ideia de Milton Santos (2006), quando esse coloca em dialética as escalas global e local. Há uma relação complexa em que a escala global se faz presente através das verticalidades de poder - econômicas, políticas e culturais - enquanto a segunda se estabelece a partir de relações horizontais de solidariedade entre os atores da escala do Local:

A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade. A ordem global serve-se de uma população esparsa de objetos regidos por essa lei única que os constitui em sistema. A ordem local é associada a uma população contígua de objetos, reunidos pelo território e como território, regidos pela interação. No primeiro caso, a solidariedade é produto da organização. No segundo caso, é a organização que é produto da solidariedade. A ordem global e a ordem local constituem duas situações geneticamente opostas, ainda que em cada uma se verifiquem aspectos da outra. A razão universal é organizacional, a razão local é orgânica. No primeiro caso, prima a informação que, aliás, é sinônimo de organização. No segundo caso, prima a comunicação. (SANTOS, 2006, p.230-231).

A resistência dessa escala local à ordem vertical - que reproduz as desigualdades – se constitui a partir da solidariedade. E essa resistência é produto dessa contradição entre aqueles grupos que concentram poder e privilégios e àqueles que antagonicamente lutam pelo mínimo. Incorporamos essa compreensão no texto justamente para não observarmos essas populações de maneira passiva. Mas sim como populações que por mais que sejam um produto da desigualdade territorial, elas também imprimem as suas intenções e vivências no espaço.

#### 4.4 Síntese dos apontamentos analisados nas duas crônicas

Optamos por produzir o mesmo mapa mental com os apontamentos referentes as duas crônicas analisadas. Por serem textos menores, acabam abarcando menos discussões se comparados ao romance de Erico. Optamos também por ilustrar apenas o recorte de classe, que é o tema central das duas crônicas, apesar de elas também abordarem o tema do racismo. A figura 10 ilustra os apontamentos destacados:

Figura 10 – Mapa mental com elementos destacados referentes ao recorte de classe, na análise das crônicas de *Mas em que mundo tu vive?*.



(MORAIS, 2023)

As questões da desigualdade de raça identificadas no texto foram inseridas na dimensão cultural. Os destaques de nossa análise são referentes à desigualdade de classe na divisão social do trabalho e no modo cruel e desumano com que grupos sociais marginalizados são tratados nessa relação, realizando funções árduas e que são desvalorizadas por estarem vinculadas a um processo histórico colonial, além do fato do desemprego ser um fator que faz com que os indivíduos se submetam a essas situações para garantir o mínimo que a existência humana exige. Essa necessidade evidencia e acentua a desigualdade de poder entre os grupos com grande concentração

de capital e poder – e aqueles que trabalham a favor desses interesses – e aqueles grupos que possuem apenas a sua força de trabalho a ser explorada em troca de um valor muito menor do que o esforço empregado. As ideologias geográficas, nesse sentido, atuam para desviar o olhar do problema estrutural e coletivo para a escala individual, muitas vezes justificando a desigualdade por um déficit de conhecimento, de interesse e de organização. Ao mudarmos a escala para a escala individual, perde-se o caráter histórico e social que influencia essas relações e coloca-se como ponto a ser observado as individualidades e subjetividades, que apesar de fazerem parte da complexidade das relações, não explicam as dinâmicas sociais e muito menos permitem alterá-las de maneira efetiva. Há, portanto, consciências geográficas produzidas a partir das motivações que visam manter os privilégios e a desigualdade de poder a favor da classe dominante. Não por acaso, se torna mais comum o foco na individualização das pessoas, como forma de enfraquecer a classe trabalhadora, evitando contextos de organização para alterar o *status quo*.

A literatura de Falero se encontra em uma oposição a essa lógica. Orientada por uma ideologia que se contrapõe a essa desigualdade, busca chamar a atenção para a desumanidade presente do cotidiano e que não chega aos olhos da maioria da população. Além do conteúdo da sua obra, a forma também indica essa preocupação. Pelas crônicas serem narradas em 1ª pessoas e esses narradores falarem de um lugar periférico, a linguagem com a qual eles se expressam traz elementos da linguagem que é falada nesses espaços, desprendendo-se dos limites da linguagem reconhecida como culta. Aqui remetemos ao conceito de preconceito linguístico (BAGNO, 2002) como um reflexo da discriminação social presente no Brasil. A compreensão da linguagem periférica citada quando fizemos referência à importância dos Racionais MC's para Falero, reforça essa dinâmica em que a linguagem é um dos elementos que evidencia e contribui para a desigualdade social – quando há uma hierarquização dessas linguagens (BAGNO, 2002).

Em tempos de bolhas de informação e redes sociais que modificam a percepção da realidade, nos entregando apenas aquilo que queremos enxergar, a literatura de Falero se coloca como possibilidade de uma outra percepção da realidade, nua e crua, afim de que possamos identificar outros mundos na mesma cidade em que vivemos e sobretudo reconhecer a quais destes mundos nós pertencemos. A intenção de Falero é objetiva

assim como a mensagem autografada no exemplar que tenho em mãos: “que um dia possamos viver todos no mesmo mundo!”.

## 5. A QUAIS MUNDOS OS CAMINHOS CRUZADOS NO LEVARAM?

O objetivo traçado para esse trabalho foi o de compreender como é possível pensar o mundo através do diálogo entre a Geografia e a Literatura, através da obra *Caminhos Cruzados*, de Erico Verissimo e das crônicas do livro *Mas em que mundo tu vive?*, de José Falero. Nos baseando em uma análise qualitativa, utilizamos o conceito de território para a Geografia para mediar o diálogo entre as duas áreas do conhecimento. Desde já consideramos que os objetivos traçados foram atingidos e que esse trabalho tem a felicidade de contribuir para os estudos que promovem o diálogo entre a Geografia e a Arte. Destacamos a potencialidade que esse diálogo incide sobre a educação e o Ensino de Geografia, seja pelo incentivo à leitura e ao consumo de arte, seja pelo exercício prático da Geografia.

Ao interpretarmos a obra de Erico sob uma perspectiva geográfica, conseguimos refletir sobre como se organizava espacialmente a cidade da época e como era a dinâmica do seu cotidiano. Logicamente a obra não dá conta da complexidade total da cidade na época, mas fornece um recorte capaz de nos fazer refletir sobre o cotidiano da cidade há mais de 80 anos atrás. Muitas das relações de poder encontradas na época, são facilmente encontradas no cotidiano atual, o que permite pensarmos o quanto as relações de poder na cidade se alteraram e o quanto continuaram o mesmo, mantendo elementos da desigualdade de poder entre os recortes sociais, semelhantes.

Comparar a obra de Erico com a obra de Falero se constitui num processo de comparação não apenas temporal, mas também de lugares de fala distintos. Eas vivências desses lugares de fala diferentes se mostram nas próprias narrativas. Desde a linguagem utilizada, onde vamos perceber que a linguagem popular vai fazer parte de toda as crônicas do Falero, já que são vinculadas aos narradores dessas crônicas, oriundos das camadas populares da cidade. Na narrativa de Erico, em 3ª pessoa, já temos um narrador que segue o padrão reconhecido como culto da língua, estando o modo de falar da população mais pobre restritos a fala dos personagens que as representam. Outra evidência da diferença entre as vivências está na percepção de que Erico está

numa posição de observador das mazelas dessa desigualdade - num exercício de empatia e de discordância dessas injustiças - enquanto Falero traz em suas palavras a dor de quem já passou por situações semelhantes ou pelo menos conviveu proximamente com quem as viveu. Essa proximidade de Falero nos faz perceber essas situações de maneira mais evidente, mais profundas e, portanto, nos tocam de maneira mais significativa, fazendo com que acessamos de maneira mais próxima o olhar de quem está inserido nas piores consequências do sistema vigente, ao descrever situações que leitores em posições mais privilegiadas na dinâmica social, nunca vivenciaram.

A diferença de vivência dos autores em relação às mazelas criticadas não significa que a obra de Erico perde seu valor como crítica social. A literatura, através do “eu lírico” é um meio muito potente para exercício da empatia, seja por parte dos escritores quanto por parte dos leitores. Além disso, já reforçamos o papel da Literatura como comunicadora e formadora de consciências geográficas. O ponto é que as vivências de Falero permitem mais a nos dizer sobre a essência e a vivência de fenômenos restritos às populações mais oprimidas.

Analisar e comparar as duas obras é se deparar com duas Porto Alegre distintas em alguns elementos do cotidiano que estão diretamente relacionados aos períodos históricos correspondentes; é perceber a diferença do olhar e da vivência dessas desigualdades; mas é também identificar a semelhança nas relações de poder espacializadas na cidade, em que homens, brancos, ricos, ainda se encontram com privilégios superiores a outros grupos populacionais, identificando que apesar do processo histórico, da mudança das formas presentes na cidade, da mudança nas funções dessas formas, a estrutura social pouco se modificou.

Com esse trabalho, foi possível mantermos a convicção de que o diálogo da Geografia com a Literatura permite análises riquíssimas sobre o espaço e a percepção dos sujeitos sobre o mesmo. Ler uma obra literária por um viés geográfico é exercitar o modo de se fazer geografia, deixando a observação e a imaginação livres para compreender de onde e sobre onde as obras nos falam. De quem e sobre quem as obras narram. É possibilitar conhecer e se aproximar à distância de espaços e vivências distintos e nunca presenciados. É utilizar esse conhecimento potencial para pensarmos e repensarmos os lugares onde pisamos e as experiências que moldam a nossa vida cotidianamente. É, por fim, refletirmos sobre nossas ideologias geográficas e constante e conseqüentemente educarmos a nossa consciência geográfica.

## REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz N. O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2007. 207p.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; Pasquino, GIANFRANCO. **Dicionário de política I** [1909]. Trad. Carmen C, Varriale et al; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998

CASTRO, Júlia Fonseca de. Geografia e Literatura: da aproximação ao diálogo. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício [Organizadores]. **Geografia, literatura e arte**: epistemologia, crítica e interlocuções [livro eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **A Geografia do espaço turístico, como construção complexa da comunicação**. Tese (Doutorado), Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acessado em: 08/05/2021.

DORFMAN, Adriana. **Contrabandistas na fronteira gaúcha**: escalas geográficas e representações textuais. Tese (doutorado) PPGG-CCMN UFSC. Orientadora: Profª Drª Leila Christina Dias, coorientadora: Profª Drª Lia Osório Machado. 2009. Disponível em:

[http://www.tede.ufsc.br/tedesimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=921](http://www.tede.ufsc.br/tedesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=921) .

FALERO, José. **Mas em que mundo tu vive?**: crônicas. I ed. São Paulo: Todavia, 2021.

\_\_\_\_\_. **Uma entrevista com o escritor José Falero**. [Entrevista concedida a] André Natã Mello Botton. Navegações, 15(1), e42101, 2022. Disponível em: < <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2022.1.42101> >. Acessado em: 09/08/2023.

GONZAGA, Sergius. **Curso de literatura brasileira**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais (1872/2010). **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00> >. Acessado em 01/05/2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese dos Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira : 2022 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : IBGE, 2022. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101979.pdf> > . Acessado em 16/08/2023.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de.. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**. Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território na geografia de Milton Santos**. São Paulo: Annablume, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Annablume, 2005.

MORAIS, Jéferson Soares. Diálogos entre geografia e literatura: permanências e transformações na paisagem urbana de Porto Alegre reveladas pelo romance “Os Ratos”, de Dyonelio Machado. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (RIHGRGS)**, Porto Alegre, n. 159, p. 183-210, dezembro de 2020.

\_\_\_\_\_. **Capitães da areia, marujos do espaço**: uma aproximação entre Geografia e Literatura através da obra de Jorge Amado. Trabalho de conclusão de curso, instituto de geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021a.

MORAIS, Jéferson Soares. **Raciocinar Geograficamente através do conto “A cura”, de Amilcar Bettenga Barbosa**. Encontro Nacional da ANPEGE, v. 1, p. 1, 2021b.

MORAIS, Jéferson Soares. **O Rato roeu, teceu e usou a roupa de um Porto Alegre**. Diálogo entre Geografia e Literatura, através da obra de Dyonélio Machado : uma proposta pedagógica para exercitar o raciocínio geográfico. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2022.

MOREIRA, Ruy. História. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 1ª ed. São Paulo, Contexto, 2008.

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu**. Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos, 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

NASCIMENTO, Daiana Freitas. **Análise da paisagem por meio do poema**: diálogo para a construção de uma educação geográfica. Dissertação de mestrado, UERJ, São Gonçalo, 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. O retorno do território. En: **OSAL**: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005- ). Buenos Aires : CLACSO, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VERISSIMO, Erico. **Caminhos Cruzados**. Digital Source [digitalização], Leytor [formatação]. Disponível em: < <https://lelivros.love/book/download-caminhos-cruzados-erico-verissimo-em-epub-mobi-e-pdf/> >. Editora Globo, 1982.